

BIBLIOTECA POPULAR

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia e ex-encarregado do Curso
de História da Medicina da Faculdade de Medicina do Pôrto

**EPÍTOME DE HISTÓRIA
DA
MEDICINA PORTUGUESA**

PORTUCALENSE EDITORA, S. A. R. L.
PÔRTO

BIBLIOTECA POPULAR

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DO

Dr. Fernando de Castro Pires de Lima

DO INSTITUTO DE COÍMBRA

Série de pequenos volumes que apresentarão ao público, em linguagem clara e sucinta, conhecimentos úteis sobre ciências, letras e artes, — a *Biblioteca Popular* terá um acentuado carácter nacionalista. Trata-se de *livros de portugueses para portugueses*, com um objectivo fundamental: promover a cultura do povo português.

VOLUMES PUBLICADOS:

Micróbios, por Américo Pires de Lima, Professor da Universidade do Pôrto.

A Arte Popular, por Luis Chaves, do Museu Etnológico e do Instituto Port. de História e Etnografia.

No mar tudo é difficil, pelo Comandante Oscar de Carvalho.

Epítome de História da Medicina Portuguesa, por J. A. Pires de Lima, professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto.

~~5.2.
23.63~~

EPÍTOME
DE
HISTÓRIA DA MEDICINA PORTUGUESA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS _____

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia e ex-encarregado do Curso
de História da Medicina da Faculdade de Medicina do Pôrto

DEP. LEG.

512
213.631

EPÍTOME

DE

**HISTÓRIA DA MEDICINA
PORTUGUESA**



Re. 158305

PORTUCALENSE EDITORA, S. A. R. L.

PÔRTO - 1943

DO MESMO AUTOR:

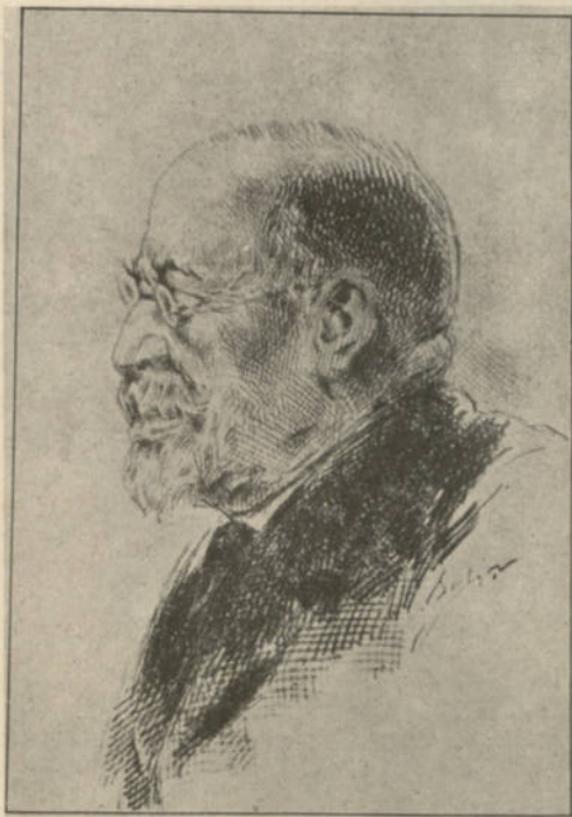
- AS ANOMALIAS DOS MEMBROS NOS PORTUGUESES, 1 vol. de 180 págs. com 85 figs.—Pôrto, 1927.
- FORA DA AULA (artigos de vulgarização científica), 1 vol. de 334 págs.—Pôrto, 1929.
- VÍCIOS DE CONFORMAÇÃO DO SISTEMA URO-GENITAL, 1 vol. de 212 págs. com 115 figs.—Pôrto, 1930.
- D. AFONSO VI (a sua doença e a anulação do seu casamento), 1 vol. de 74 págs. profusamente ilustrado (de colaboração com António A. Pires de Lima)—Pôrto, 1937.
- ARES DO CAMPO (Impressões do Minho), 1 vol. de 149 págs.—Barcelos, 1937.
- MEMÓRIAS, 1 vol. de 136 págs.—Pôrto, 1938.
- OS POVOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS (Estudos antropológicos), 1 vol. de 208 págs.—Pôrto, 1938.
- TRADIÇÕES POPULARES DE ENTRE-DOURO-E-MINHO (de colaboração com Fernando C. Pires de Lima), 1 vol. de 236 págs.—Barcelos, 1938.
- MOUROS, JUDEUS E NEGROS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL, 1 vol. de 184 págs.—Pôrto, 1940.
- PALAVRAS DE UM MÉDICO (Noções de Medicina preventiva), 1 vol. de 176 págs.—Cova-da-Iria, 1940.
- QUESTÕES DE LINGUAGEM CIENTÍFICA, 1 vol. de 228 págs.—Pôrto, 1942.
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO ROMANCEIRO MINHOTO (de colaboração com Fernando C. Pires de Lima), 1 vol. de 108 pág. com quatro composições de Cláudio Carneyro—Pôrto 1943.

NO PRELO:

AO CORRER DO TEMPO (Memórias).

EM PREPARAÇÃO:

O CORPO HUMANO (Biblioteca popular).
MANUAL DE TERATOLOGIA.
O CORPO HUMANO NO ADAGIÁRIO PORTUGUÊS.
ATLAS DE ANATOMIA SECCIONAL.



PROF. DR. MAXIMIANO LEMOS

(Segundo um desenho de Salazar)

À MEMÓRIA
DO
HISTORIÓGRAFO INSIGNE DA MEDICINA PORTUGUESA
PROF. DOUTOR MAXIMIANO LEMOS,
COM A MAIOR GRATIDÃO,

O. D. C.

J. A. Pires de Lima

PREFÁCIO

CONQUANTO já nos séculos xvii e xviii alguns médicos portugueses se occupassem de história da medicina (Zacuto Lusitano, Sá Matos), só no século xix se desenvolveram tais estudos, depois da fundação das Escolas de Medicina em Lisboa e no Pôrto.

Muitos foram os médicos oitocentistas que se dedicaram a estudos de história da medicina portugueza. Para só falar de mortos, lembrarei os portuenses Pedro Dias, Carlos Lopes, Ricardo Jorge, Aires de Gouveia, Sousa Viterbo, Maximiano Lemos e João de Meira; os lisbonenses José António Serrano, Conde de Ficalho, Alfredo Luís Lopes, Virgílio Machado, Leite de Vasconcelos e Costa Santos; e os professores de Coimbra: Bernardo Mirabeau, Vieira de Meireles, Costa Simões, Daniel de Matos e Alberto Pessoa.

Mas, sem desdouro para ninguém, a todos sobreleva o mestre da historiografia médica nacional Maximiano Lemos, que dedicou a tais assuntos a maior parte da sua intensíssima actividade intelectual.

Logo ao terminar o curso (1881), Maximiano Lemos apresentou como dissertação inaugural, que foi aprovada com louvor, a magnífica obra: «A Medicina em Portugal até aos fins do Século xviii (tentativa histórica)».

Não o cegaram os triunfos académicos, nem, como aconteceu a tantos, a obra científica do j6vem m6dico ficou limitada à dissertação inaugural.

Pelo contr6rio, Maximiano Lemos dedicou a vida inteira a investigações hist6rico-m6dicas, que o apaixonaram desde os bancos escolares.

Logo em 1886, com o fim de «acarretar os materiais para uma hist6ria completa da medicina nacional», Maximiano Lemos fundou os «Arquivos de Hist6ria da Medicina Portuguesa», nos quais trabalhou at6 morrer, publicando vinte volumes d6sse peri6dico científico, at6 1923.

Na 6ltima p6gina do «Arquivo», disse um dos colaboradores: «Com o falecimento do seu notabil6ssimo director, Sr. Dr. Maximiano Lemos, termina, com o presente n6mero, a publicação desta «Revista», que 6le, com tanto carinho, dedicaç6o e desinter6sse, soube manter atrav6s t6das as vicissitudes e contrariedades, à altura do seu nome aureolado».

N6o foi em v6o que se arquivaram tantos materiais. Logo em 1899 publicava o Professor Maximiano Lemos a sua obra em 2 volumes «Hist6ria da Medicina em Portugal — Doutrinas e Instituiç6es» — obra infelizmente hoje muito rara, e 6nica no g6nero.

N6o terminou aqui a actividade do grande historiador da medicina portuguesa, pois, sucessivamente, foi publicando, al6m de outras mem6rias, as exaustivas monografias s6bre Amato Lusitano, Zacuto Lusitano e Ribeiro Sanches.

Para elaborar 6ste volumezinho, guiar-me-ei sobretudo pela obra de Maximiano Lemos, n6o me esquecendo de forragear materiais nos trabalhos de outros autores, que ao assunto se t6em dedicado.

Procurarei dizer, em síntese, como foi a evolução da medicina em Portugal (¹).

Na exposição dos factos, guiar-me-ei por aqueles autores; mas, ao escrever êste livro, terei presente que a maior parte dos escritores do Século XIX estavam eivados de preconceitos, que devem ser postos de parte.

A literatura oitocentista estava dominada pela superstição liberal: a história dos nossos Reis e a Religião dos nossos Pais eram muitas vezes tratadas sem respeito; adorava-se o Marquês de Pombal, exagerando o valor da sua obra; odiavam-se os Jesuítas, esquecendo o que êles fizeram em favor de Portugal; reinava uma doentia piedade pela sorte dos Judeus...

De todos êsses êrros procurarei desviar-me ao redigir êste epítome da nossa história médica.

P. L.

(¹) V. J. A. Pires de Lima — La Médecine en Portugal — L'enseignement médical etc., Pôrto, 1913.

Antes da fundação do Reino de Portugal

SÃO raros os documentos de que podemos dispor para estudar a medicina dos povos que nos precederam na Península Ibérica.

No período neolítico final, ou calcólítico, descortinamos, diz Leite de Vasconcelos (1), algumas idéias mágicas, às quais não é absurdo supor que se subordinavam algumas doenças. Entre os amuletos usados nesses tempos pre-históricos conta-se uma rodela craniana obtida por trepanação. Demonstrou-se que se faziam, nessa época, trepanações cranianas no vivo, com muita perícia.

Dessa época apareceram também pequenos instrumentos cirúrgicos de pedra.

Nos tempos proto-históricos, informa Estrabão que os Calaicos expunham nas ruas os doentes, à vista de quem passava, para que os transeuntes, que houvessem sofrido doenças iguais, podessem aconselha-los.

(1) *Leite de Vasconcelos* — Medicina dos Lusitanos — Lisboa, 1925.

Tratava-se de medicina empírica, primitiva.

Já em tempos pre-romanos se fazia uso das Águas de Vizela, que foram consagradas ao deus *Bormânico*. A êle foram dedicadas, por devotos, algumas inscrições rupestres, que ainda existem. Com efeito, nesses tempos remotos, atribuíam-se efeitos divinos às águas minerais.

Os Lusitanos, para alívio das suas moléstias, recorriam à experiência dos doentes, bem como às águas minerais e aos deuses que a elas presidiam, como *Bormânico* e outros. No Museu Etnológico Português, fundado por Leite de Vasconcelos, arquivam-se diversas aras e inscrições votivas dos primitivos Lusitanos.

As fontes de águas minerais eram dedicadas a *Endovélico* e outros deuses protectores.

Um santuário dedicado àquêle deus era lugar de grandes peregrinações de doentes.

Já naquêl tempo se fazia uso de plantas medicinais (betónica, dormideira, funcho).

Os Lusitanos praticavam exercícios físicos, que muito deviam contribuir para a manutenção da saúde.

No período lusitano-romano intensificou-se o uso das águas minerais. Já vimos que as termas de Vizela eram usadas antes dos Romanos.

No século 1 da nossa era utilizavam-se as águas de Chaves [*Aquæ Flavie*, isto é — termas de Flávio (Vespasiano)]. Também se

usavam as águas de *Olisipo* (na actual Rua da Prata — Lisboa). Do princípio do século II é uma gravura rupestre dedicada a Trajano, nas Caldas das Taipas.

No século III exploraram-se outras fontes, em Penafiel, Monte Real e Lisboa. E, mais tarde, em Braga, Vidago, Caldelas, Monfortinho, etc.

À indicação hidro-mineral associavam os Lusitano-romanos o auxílio sobrenatural, consagrando as fontes a deuses e a ninfas. A Esculápio eram dedicadas as águas da Rua da Prata e a uma ninfa o manancial de Caldelas.

Pro salute de várias pessoas eram dedicadas inscrições a deuses diversos, como Esculápio, Júpiter, etc. O primeiro médico lusitano de que há memória chamava-se *Cattio Januário*, de Beja, que ofereceu uma lápide votiva a Esculápio, em S. Tiago de Cacem. O arqueólogo Estácio da Veiga encontrou no Algarve diversos instrumentos cirúrgicos de pedra e de bronze, que foram arquivados no Museu Etnológico de Lisboa. Entre êles contam-se espátulas, tentas, pinças e cabos de escalpelos, etc.

No tempo dos Romanos, o povo lusitano era muito supersticioso e fazia uso de amuletos (figas, etc.).

Também na época germânica os nossos antepassados eram supersticiosos. Leite de Vasconcelos cita dessa época uma inscrição

de Mérida, com um *Carmen* funerário em que se lê: (*Reccar*)*edus medicus*, o qual deve ser do Século VI; um *canon* de S. Martinho, Bispo de Dume, que se refere a ervas medicinais, em cuja colheita se praticavam actos mágicos e se recitavam ensalmos; um milagre, que consistia na cura dum caso de lepra, por virtude das relíquias de um santo. O Código Visigótico, o qual esteve em vigor na Ibéria desde Alarico II (506), estabelece os direitos e os deveres dos médicos.

Tinham o direito de praticar a sangria, e o tratamento dos doentes fazia-se por ajuste prévio.

Quem queria dedicar-se à medicina, estudava-a com um prático a quem pagava doze soldos. Uma operação de catarata, quando tivesse bom êxito, custava cinco soldos.

A medicina dos Lusitanos era supersticiosa, em regra. Mas devemos-lhe o emprêgo das águas minerais, em que é tão fértil o nosso território.

Desde o Século II da nossa era, deviam chegar a êste longínquo recanto do Império Romano as lições de Galeno e, depois das invasões dos Árabes, os grandes focos científicos muçulmanos (Córdova, etc.) deviam trazer até cá os ensinamentos de Avicena e de outros médicos célebres da mesma raça. Durante alguns séculos, na Universidade de Coimbra à cadeira de Terapêutica chamava-se

Cadeira de Avicena. *Ler Avicena* era o mesmo que dizer: ensinar terapêutica.

Quási ao mesmo tempo que se fundava o Reino de Portugal, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra criavam os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho a primeira escola portuguesa de medicina.

Ao fundar-se o Reino de Portugal, estabelecia-se, de forma rudimentar, o ensino médico e desenvolvia-se a assistência em numerosos hospitais espalhados por tôda a parte, em albergarias, onde eram especialmente recolhidos os peregrinos em viagem para S. Tiago de Compostela e sobretudo em gafarias, onde se fazia o isolamento de leprosos, que eram em grande número no nosso País durante a Idade Média (1).

(1) *Luis de Pina* — Histoire de la Médecine portugaise — Abrégé, Pôrto 1934.

Main body of text, consisting of several paragraphs of faint, illegible text. The text appears to be a formal document or report, but the characters are too light to transcribe accurately.

Até à fundação da Universidade

COM a arrancada heróica de Dom Afonso Henriques e de seus gloriosos companheiros de armas, estava criada, nesta cabeça da Europa, a Pátria portuguesa, que, desde há oito séculos, tanto tem honrado a Civilização cristã.

As virtudes dos fundadores do Reino de Portugal não nasceram, porém, súbitamente, com o alvorecer da Primeira Dinastia; pois da mesma raça foram os antepassados que cometeram grandes feitos nesta terra: Viriato, o Cid, São Rosendo (1).

Os primeiros esforços para desenvolver a instrução na Província portugalense, diz Maximiano Lemos (2), datam do consul do território de Coimbra, Sisnando, que, autorizado

(1) *J. A. Pires de Lima* — S. Rosendo, Nun'Álvares do Século x (*Ocidente*, Janeiro de 1939).

Idem — S. Rosendo (*Jornal de Santo Tirso* 9-IV-38).

(2) *Maximiano Lemos* — História da Medicina em Portugal, I — Lisboa, 1899.

pelo bispo D. Paterno, fundou uma escola de teologia junto da Sé Velha. Essa escola passou, em 1130, para o Mosteiro de Santa Cruz, então nos arrabaldes de Coimbra, ficando sob a direcção dos cônegos regrantes de Santo Agostinho.

Além da teologia, começaram a ensinar-se outras ciências, entre elas a Medicina.

No reinado de D. Sancho I, inauguram-se em Portugal as bôlsas de estudo no estrangeiro, que tão bons resultados deram, nos tempos de D. João III, de D. Maria I e no actual Estado Novo, com a Junta de Educação Nacional, e seu sucessor Instituto para a Alta Cultura.

Pela carta de doação de D. Sancho I, concedia El-Rei ao Mosteiro de Santa Cruz certa quantia *pera sustentação dos Conegos do dito Mosteiro, que estudem em as partes de França* (14 de Setembro de 1199).

O prior do Mosteiro ordenou que um dos bolseiros estudasse medicina em Paris, para vir ensiná-la em Coimbra. Parece que foi D. Mendo Dias o primeiro que ensinou em Portugal as ciências médicas.

Antes dêste ensino regular, alguns clérigos exerciam a profissão médica junto dos primeiros reis.

Nesse tempo, já funcionavam as primeiras universidades em França, em Itália e em Espanha, e alunos portugueses estudaram

em Mompilher, em Paris, em Bolonha, em Salamanca.

As autoridades eclesiásticas trabalharam denodadamente para que Portugal tivesse também a sua Universidade, e não fôsse necessário que os estudantes fizessem tão longas, perigosas e caras viagens, para se educarem.

Com o consentimento de El-Rei Dom Dinís, os bispos e os prelados dos conventos (1288) solicitaram ao Papa Nicolau IV a criação da Universidade portuguesa, que primeiro teve a sua sede em Lisboa, transferindo-se depois para Coimbra.

Nos séculos XII e XIII predominavam as doutrinas de Galeno e dos médicos árabes, que tinham criado em Córdova um notável centro intelectual.

Contavam-se nada menos de setenta bibliotecas na Espanha sujeita aos Mouros e a de Córdova possuía mais de 200.000 volumes.

Depois da reconquista, a medicina, entre nós, tornou-se, por assim dizer, hierática, pois só os clérigos a estudavam e exerciam.

Um dos mais famosos médicos portugueses do tempo dos primeiros reis foi Fr. Gil de Santarém, a quem Garrett deu o nome de *Fausto português*.

Gil Rodrigues, de ascendência nobre, era filho de um conselheiro de D. Sancho I. Es-

tudou medicina em Santa Cruz de Coimbra, e, depois, recebeu do rei uma bolsa para aperfeiçoar os seus conhecimentos em Paris. De passagem por Toledo, diz um hagiógrafo, ali demorou sete anos, aprendendo com o próprio diabo as ciências ocultas. Ajudado pela *diabólica ciência*, fez depois em Paris *famosos* actos de medicina.

No regresso à Pátria, converteu-se e professou num convento em Santarém, onde viveu santamente.

S. Frei Gil praticava curas maravilhosas. Uma vez foi, agarrado a um bordão, visitar o rei D. Afonso III, que estava atacado de gôta. Bastou o rei apegar-se ao pau a que se apoiava o santo, diz o hagiógrafo, para lhe desaparecerem as dores que o atormentavam.

A medicina tinha carácter sobrenatural e a cirurgia estava abandonada, pois que os sacerdotes eram proibidos de a exercer.

Outra figura célebre na medicina medieval portuguesa foi Pedro Hispano, filósofo citado por Dante, e a cujas *Summulas* se referiu Kant.

Desempenhou elevados lugares eclesiásticos no nosso país (bispo de Braga, etc.) e, por último, foi eleito cardinal, chegando a ocupar o sólio pontifício, com o nome de João XXI.

Pedro Hispano foi também grande médico; fez os seus estudos em Lisboa e em Paris e publicou diversas obras de medicina, de en-

tre as quais a mais conhecida é o *Thesaurus pauperum*, que é uma compilação das doutrinas de Galeno, Dioscórides e Avicena.

Como é sabido, a conquista do território português aos Mouros foi auxiliada por várias expedições de Cruzados. Na sua passagem para a Palestina, algumas armadas de Cruzados abordavam em portos portugueses e ajudaram à reconquista.

Alguns dos soldados das terras frias e belicosas do Norte da Europa, atraídos pelo nosso benigno clima, deixaram-se ficar por aqui, entre os quais se contam os que o Rei povoador, D. Sancho I, distribuiu pelo Algarve, então quasi deserto.

No território do Tejo para o Sul do País estabeleceram-se muitos colonos, que eram antigos cruzados, ou pessoas que para aqui vieram atrás deles.

Como consequência das Cruzadas, estabeleceram-se em Portugal muitos hospitais, albergarias, gafarias e outros meios de assistência.

Ainda hoje ficou no onomástico local a referência a antigas albergarias, que davam pousada aos peregrinos: Albergaria-a-Velha, Albergaria-a-Nova, Albergaria-dos-Doze.

A assistência às crianças fazia-se em hospitais de meninos engeitados, entre elles o de Santarém, protegido por El-Rei D. Dinís e a Rainha Santa Isabel.

Entre as obras de assistência fundadas pelos Cruzados, não devem esquecer-se as da Congregação religiosa de Santa Maria de Roca-Amador.

A Confraria de Santo Antão destinava-se a combater as epidemias de Fogo de Santo Antão, terrível doença cutânea hoje extinta.

Outras conseqüências das Cruzadas foi o extraordinário desenvolvimento da lepra em vários países da Europa. Em Portugal não tiveram as Cruzadas tão grande influência, mas a lepra não deixou, contudo, de se alastrar de maneira terrível; tôdas as classes da sociedade se contaminaram e até um rei, D. Afonso II, foi leproso.

Maximiano Lemos ⁽¹⁾ faz referência a cerca de duas dezenas de gafarias, distribuídas por todo o País, nas quais se isolavam os leprosos. O nome de algumas povoações dá idéia que lá existiram gafarias, tais como: Gafes (Celorico de Basto), Gafarim (Ponte de Lima), Gafanha (Ílhavo e Vagos), Gafanhão (Castro Daire), Gafanhoeira (Rêsende e Arraiolos), Gafete (Crato) ⁽²⁾.

(1) *Maximiano Lemos* — loc. cit.

(2) Sobre este assunto, vêr também:

Silva Carvalho — História da lepra em Portugal, Pôrto, 1932.

J. A. Pires de Lima — A doença de Job (*Mundo Ilustrado*, I — Pôrto 1912).

Como vimos no Cap. I dêste livro, no nosso território fazia-se uso das águas mineiras no tempo dos Romanos, e até antes deles.

No Império Romano tiveram os estabelecimentos balneares extraordinário desenvolvimento, que se propagou à Lusitânia.

Em virtude dos escandalosos abusos que se davam nas termas romanas, os banhos perderam de moda no tempo dos Árabes e foram até proibidos pelo rei de Castela Afonso VI, no século XI.

Muitas das nossas águas minerais, como vimos, já eram conhecidas no tempo dos Romanos. Entre elas contam-se as de S. Pedro do Sul (Lafões), que, no Século XI, eram largamente utilizadas no tratamento da lepra.

Às termas de Lafões deu também grande nomeada o facto de se ter ali tratado D. Afonso Henriques, por causa das conseqüências da fractura do fémur esquerdo, sofrida no cerco de Badajóz. Também ali se tratou, mais tarde, de uma doença cutânea, o Rei D. Manuel I.

As caldas de Aregos foram protegidas pela princesa Santa Mafalda, que ali fundou uma albergaria para alojamento de doentes pobres.

Junto às termas de Canavezes e de Moledo, também foram fundadas albergarias.

Diversos forais referem-se a outras águas medicinais, hoje desconhecidas.

Neste período foram assinaladas diversas epidemias de peste, com grande mortandade (1).

Entre elas, conta-se o grande flagelo que diminuiu extraordinariamente a população de Portugal desde 1188 até 1192.

Parece que se trataria de fome e não de verdadeira peste.

O mesmo se poderá dizer da grande mortandade de 1202.

(1) J. A. Pires de Lima — A doença de S. Roque (*O Aze*, Santo Tirso, 1912).

Até à criação do Hospital de Todos-os-Santos

ÊSTE período decorre entre duas datas célebres: o estabelecimento da Universidade (1290) e a criação do ensino da cirurgia no sumptuoso Hospital de Todos-os-Santos (1504). Marca o fim da Idade Média e o começo da Renascença, época em que Portugal teve o papel brilhantíssimo da realização das portentosas descobertas geográficas sonhadas pelo Infante D. Henrique.

A elas se deve a instituição de novo ramo das ciências médicas — a patologia exótica ou medicina tropical.

Um dos fundamentos da medicina moderna, dizem Castellani & Chalmers, (1) foi a epopeia marítima dos Portugueses: circumnavegação da África, conquista da Índia, colonização do Brasil, circumnavegação da Terra. A primeira obra europeia impressa na Índia deve-se a um Português — o sábio Garcia de Orta,

(1) *J. A. Pires de Lima* — Fora da Aula — Porto, 1929.

que, nos seus *Colóquios*, redigiu a primeira e valiosíssima contribuição para a matéria médica tropical.

Foi em 1290 que o Papa Nicolau IV confirmou, por uma bula, a criação do Estudo Geral em Lisboa. Nessa universidade rudimentar, cursava-se medicina apenas numa cadeira, e era o bispo quem concedia o grau de licenciado.

Cêrca de dez anos depois, D. Dinís transferiu a Universidade para Coimbra, mas não ampliou a Faculdade de Medicina, que tinha organização muito inferior à da Universidade de Salamanca.

Durante o Século XIV, foi, por diversas vezes, transferida a Universidade de Coimbra para Lisboa e vice-versa. Só no Século XV é que a Faculdade de Medicina, no reinado de D. João II, passou a ter duas cadeiras.

No princípio do Século XVI, D. Manuel I concedeu novos estatutos à Universidade; nela se estabeleceram praxes que ainda hoje se conservam em grande parte, como as insígnias doutorais e a côr amarela para a Faculdade de Medicina; eram cinco os anos de estudo para obter o grau de bacharel e havia também os graus de licenciado e doutor. As cerimónias do doutoramento já eram parecidas com as que hoje se realizam em Coimbra.

Enquanto que o ensino da medicina interna se organizou nos alvares da nacionalidade por-

tuguesa, o da cirurgia só teve início, de forma rudimentar, quando D. Manuel-o-Grande concedeu um regimento ao grandioso Hospital de Todos-os-Santos, fundado pelo seu glorioso antecessor.

Como vimos, a Universidade portuguesa é de origem religiosa e pela classe eclesiástica foi organizada. Pelo que respeita à medicina, os textos ensinados eram sobretudo os de Galeno e de Avicena, não havendo qualquer originalidade no ensino. O mesmo acontecia, pouco mais ou menos, nas velhas universidades de França, Itália e Espanha. Nesse tempo, a maior parte dos médicos portugueses eram judeus.

Muito se tem discutido a influência deles no nosso País. Exageraram-se os seus méritos, e a literatura do Século XIX espalhou uma onda de piedade pela sorte dêsse povo tão perseguido.

Acusaram-se os nossos grandes Reis do Século XVI como culpados da perseguição. O estudo imparcial da história, feito sobretudo por Lúcio de Azevedo, demonstrou que os reis obedeciam à vontade do povo e que tais perseguições visavam a obter para Portugal uma unidade étnica e religiosa, que tão útil nos tem sido (1).

(1) *J. A. Pires de Lima* — Mouros, Judeus e Negros na História de Portugal — Pôrto 1940.

É certo que os maiores cultores da Medicina em Portugal eram judeus, que, por intolerância religiosa, tiveram de emigrar.

Lembremos Amato Lusitano, Garcia de Orta, Rodrigo de Castro, Zacuto Lusitano, Ribeiro Sanches, de quem mais tarde me ocuparei.

Todos são grandes figuras da história da medicina portuguesa.

Uma razão de Estado os forçou a sair da nossa terra, o que é deveras lamentável.

Mas daí a considerar imbecil a raça que ficou no Reino, como a literatura oitocentista ensinou, vai um abismo.

Não consta que tivessem sangue hebreu o Mestre de Avis, o santo Nun'Álvares, os Reis da segunda dinastia, não consta que fôssem cristãos-novos Vasco da Gama e Albuquerque, Gil Vicente ou Camões!

Tão pouco se pode afirmar que algum judeu ajudasse a semear o Pinhal de Leiria, fizesse parte da Expedição a Ceuta, ou embarcasse nas Caravelas do Infante . . .

A gloriosa história de Portugal foi realizada pelos Portugueses e é erro acreditar que os avarentos judeus fôssem para a Holanda fomentar a riqueza desse país. Pelo contrário, está provado que foram lá explorar a riqueza dos Países Baixos . . .

Do tempo de D. João I, devemos citar o médico português Valesco de Taranta, que se

formou em Montpellier em fins do Século XIV, chegando a ser o mais célebre professor do seu tempo daquela famosa Universidade, segundo a opinião de Malgaigne (1).

Nos princípios do Século XV publicou Valesco de Taranta o *Tratado das epidemias* e o *Philonium*, obras raríssimas, das quais pode ver-se um exemplar na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Porto.

Estas são as primeiras em que um médico português mostra observação pessoal.

Dessa época mencionarei ainda o famoso «Leal Conselheiro» de D. Duarte, livro que, não sendo escrito por um médico, dá contudo muitos esclarecimentos sobre terapêutica e principalmente sobre higiene.

Àcerca deste assunto, o capítulo mais notável do «Leal Conselheiro» é o que estuda a profilaxia das doenças do aparelho digestivo (*Do Regimento do estomago*) (2).

Antigamente eram os médicos quem preparava os medicamentos. Parece que só em fins do Século XV tiveram os boticários portugueses o seu regimento, estabelecido pela Câmara de Lisboa.

(1) Maximiano Lemos — *loc. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima — O «Leal Conselheiro» lido por um anatómico (*Jornal do Médico*, 1943).

Durante esta época, difundiram-se por todo o País numerosos pequenos hospitais, onde a piedade cristã acudia aos doentes.

Essa dispersão dos instrumentos de assistência era nociva para os doentes, que não podiam encontrar os meios necessários de tratamento em minúsculos hospitais.

Chegou o momento em que «a centralização hospitalar, diz Maximiano Lemos (1), foi favorecida por uma instituição que vinha realizar um dos mais nobres pensamentos que a caridade cristã podia inspirar».

Refiro-me às *Misericórdias*, fundadas, por iniciativa de Fr. Miguel de Contreras, pela excelsa Rainha D. Leonor, viúva de D. João II, regente do Reino por motivo de ausência de D. Manuel I.

A primeira Misericórdia foi inaugurada solenemente na Sé de Lisboa, no ano da descoberta da Índia, a 15 de Agosto de 1498 e, pouco depois, difundiam-se por todo o País misericórdias modeladas pela da capital.

A mais importante de tôdas é a do Pôrto, a qual foi fundada por El-Rei D. Manuel I em 1499, mas cujas instalações foram terminadas alguns anos depois, à custa da opulenta herança de D. Lopo de Almeida, que pertencia a uma nobre estirpe da aristocracia portu-

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

guesa, pois era próximo parente do 1.º Vice-Rei da Índia D. Francisco de Almeida (1).

Na minha biblioteca particular, possuo um exemplar do «Compromisso da Misericórdia do Pôrto», reformado em 1643.

Não é sem emoção que manuseio o venerando *in-folio* (2), verificando em cada página o espírito cristão que informava a obra estu-penda da Rainha D. Leonor.

No Capítulo VII — «Das cousas que haõ de guardar os Irmãos novamente eleitos». — citam-se os deveres do Provedor e outros membros da Mesa:

«Os Irmãos novamente eleitos, procurarãõ alcançar de Deos Nosso Senhor, ajuda, e favor para poderem cumprir com as obrigaçoens de seus cargos tão perfeitamente, como con-vem, frequentando para isso os Sacramentos da Confissãõ, e Comunhaõ, que são os meios porque se alcança a Divina Graça, sem a qual nenhuma cousa valem as obras humanas. Ajun-

(1) *Magalhães Basto* — Origens e desenvolvimento de um grande estabelecimento de assistência e caridade — O Hospital de Santo António, da Misericórdia do Pôrto, 1931.

Sobre a história das Misericórdias, vêr ainda outros trabalhos de Magalhães Basto e de Fernando Correia.

(2) *Compromisso da Misericórdia do Pôrto*. — Pôrto: Na Typog. de António Alvarez Ribeiro. Anno de 1800. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

tar-se-haõ na Igreja da Misericórdia nos dias de Nossa Senhora, em que se celébraõ as Festas da sua Assumpçaõ, Conceiçaõ, Purificaçaõ, e Visitaçaõ e nestes dias se confessaráõ, e comungaráõ, por obrigação. » (1).

Como vimos no capítulo anterior, a lepra generalizou-se muito em Portugal.

Neste período, contudo, houve um considerável declínio, certamente devido às medidas profilácticas tomadas, com o isolamento dos leprosos nas gafarias.

Durante alguns séculos, muito diminuiu de intensidade a lepra em Portugal.

Mas, infelizmente, nos últimos tempos, houve novo recrudescimento, por importação brasileira e contágio. A assistência pública deve

(1) Depois de 1910, a Misericórdia do Pôrto foi assaltada por mações e livres-pensadores, que se apoderaram ignòbilmente da pia instituição.

Depois do Cinco de Outubro, assistiu-se à expulsão, dos seus nichos das enfermarias do Hospital de Santo António, das imagens dos santos protectores, desacato a que fizeram triste comentário as lágrimas dos doentes.

Altos funcionários da Misericórdia do Pôrto têm tido entêrro escandalòsamente civil.

E, na suprema autoridade da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto, têm sido investidas pessoas que fazem gala da falta de sentimentos religiosos.

¿Estarão sossegados no seu jazigo da Rua das Flores os ossos do insigne benemérito D. Lopo de Almeida?

contar com isso e tem necessidade de criar outra vez algumas gafarias, para isolar os leprosos, seguindo assim o proficuo exemplo dos nossos antepassados.

Como vimos, desde tempos muito remotos, se faz uso, na nossa terra, das águas mineiras, para o tratamento de muitas moléstias.

Nesta altura devo citar de novo a acção da excelsa Rainha D. Leonor, a qual, como reconhecimento pelos beneficios que recebeu numa cura de águas, tanto fêz desenvolver as Caldas da Rainha (1).

Além destas famosas termas, cuja história pode ver-se nas obras citadas, também devo referir-me às Caldas de Monchique, onde se tratou, pouco antes de morrer, D. João II.

Neste período houve grandes fomes e pestilências. Em virtude da natureza sintética dêste livrinho, não posso desenvolver tal matéria,

(1) É vastíssima a literatura sôbre as Caldas da Rainha.

Veja-se:

— *Jorge de S. Paulo* — História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas. Escrito em 1656. Editado em 1928.

— *Fernando da Silva Correia* — Um balneário português no fim do Século xv — Caldas da Rainha, Coimbra, 1928.

— *A. da Silva Carvalho* — Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884). Lisboa, 1932.

chamando a atenção dos estudiosos para a bibliografia citada abaixo (1).

Além das terríveis fomes, não deveremos esquecer a epidemia de tifo exantemático, trazida até nós pelos judeus foragidos de Espanha, bem como a peste que vitimou a excelsa Rainha D. Filipa de Lencastre, nas vésperas da gloriosa jornada de Ceuta.

(1) — *Maximiano Lemos* — *loc. cit.*

— *Vieira de Meireles* — Memórias de epidemiologia portuguesa, Coimbra, 1866.

— *J. A. Pires de Lima* — A doença de S. Roque (*O Ave, Gazeta de Santo Tirso*, 1912).

— *Idem* — A linguagem anatómica de Fernão Lopes (*Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras* — III — 1940).

— *Idem* — O «Leal Conselheiro» lido por um anatómico (*Jornal do Médico*, 1943).

IV

Até à Reforma de 1772

MARCA o Professor Maximiano Lemos (1), para comêço dêste período, a criação dos estudos de cirurgia no Hospital de Todos-os-Santos, a cuja sumptuosa fábrica dedica um capítulo inteiro.

Parece que, da América, trariam a sífilis para a Europa os marinheiros da expedição de Cristóvão Colombo. As Navegações ampliaram muito o âmbito da patologia, e aos Portugueses (Garcia de Orta, etc.) competiu a descoberta de muitas doenças exóticas e a criação da medicina tropical.

O Hospital de Todos-os-Santos era o mais importante do mundo inteiro.

Foi ali que, pela primeira vez em todo o mundo, se fundou uma clínica especial de sífilografia.

O primeiro tratado que se escreveu sobre a sífilis deve-se a um espanhol, que o glorioso

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

Rei de Portugal contratou para o Hospital de Todos-os-Santos. Refiro-me a *Ruy Diaz de Ysla* e ao seu famoso *Tractado cõtra el mal serpentino*, obra hoje extremamente rara, de que possui um exemplar a Biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto (1). O Hospital de Todos-os-Santos era um verdadeiro hospital geral: além de possuir uma clínica sifiligráfica especial, a primeira que se criou em todo o mundo, havia um *criandário*, que hoje se chamaria, à francesa, *creche*, ou instituto de puericultura, uma *casa de orates*, manicómio dirigido pelos discípulos do grande santo português S. João de Deus, etc.

Na obra de Maximiano Lemos pode ler-se a história do sumptuoso Hospital de Todos-os-Santos, que, depois de um incêndio, foi

(1) Maximiano Lemos afirma, a-propósito da obra de Diaz de Ysla, o primeiro tratado que se escreveu sôbre a sífilis, que a «sintomatologia da doença é exposta excelentemente e quási que em nada difere da que os melhores tratadistas modernos apresentam» (*loc. cit.*).

—V. ainda: *Carlos França* — Os Portugueses na Renascença. A Medicina tropical e a Parasitologia, (*O Instituto*, Coimbra, 1925).

Idem — Os Portugueses do Século XVI e a História Natural do Brasil (*Revista de História*, XV—Lisboa).

Luis de Pina. Documentos para história médica nacional ultramarina (*A Medicina Contemporânea*, 1939).

Américo Pires de Lima e *Luis de Pina* publicaram outros estudos sôbre os Portugueses e a patologia exótica.

substituído pelo hospital de S. José, ainda hoje existente.

«Um dos acontecimentos mais importantes da nossa história literária, diz Maximiano Lemos, foi a reforma da Universidade realizada por D. João III, depois de a haver transferido para Coimbra em 1537». Com efeito, apesar das calúnias levantadas pela superstição liberal, somos obrigados a admirar a largueza de vistas de D. João III. Como é sabido, o grande Rei estabeleceu em Paris o Colégio de Santa Bárbara (1), que era uma verdadeira universidade portuguesa. Para ali mandou numerosos bolseiros, muitos dos quais lá se fizeram mestres, como os célebres Gouveias. No Colégio de Santa Bárbara foi educado o Apóstolo das Índias S. Francisco Xavier, dali derivou um colégio, que se tornou a incipiente Universidade de Bordeus, onde foi educado por portugueses o grande Montaigne; dali derivou a Universidade reformada de Coimbra, cuja grandeza foi revelada pelas publicações levadas a efeito por ocasião das comemorações centenárias de 1937.

O fanatismo revolucionário do Século XIX, ao qual nem sequer escapou o austero Her-

(1) *J. A. Pires de Lima*—Fora da Aula, Pôrto 1929.
Idem—Centenário da Universidade de Coimbra (*Heraldo* — Nova Goa, 5-X-38).

culano, e a mistificação liberal, para exaltarem a obra do Marquês de Pombal deixaram na penumbra os esforços reformadores de D. João III, de D. João V, de D. Maria I, de D. João VI.

É costume considerar a Reforma do Marquês de Pombal a mais notável e quasi única organização universitária portuguesa.

Começando a fazer-se justiça a D. João III, estudando bem a sua obra, somos levados a crer que ela não será menos importante que a do Ministro de D. José.

A Faculdade de Medicina, que, durante muito tempo, teve apenas uma ou duas cadeiras, começou pouco a pouco a aumentar o número das cátedras depois da Reforma de D. João III.

Começaram a praticar-se disseccções em cadáveres humanos e foi contratado um professor de Anatomia de certo merecimento: Guevara. Infelizmente não criou raízes o ensino de Guevara, e, como veremos, só no Século XVIII a Anatomia se aclimatou em Portugal.

Ao lado da Faculdade de Medicina da Universidade reformada de Coimbra, funcionava, no Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, um Curso de Cirurgia, que teve grande desenvolvimento no meado do Século XVI. Para lá foi transferido o Professor de Anatomia Afonso Rodrigues de Guevara, ao qual se seguiram

outros de menor valia (1); até que, no Século XVIII, ensinaram no Curso da Cirurgia de Lisboa dois anatómicos de real merecimento: Bernardo Santucci (2), que publicou o primeiro tratado de anatomia em língua portuguesa e Manuel Constâncio, grande chefe de escola, a quem devemos a definitiva implantação dos estudos anatómicos em Portugal (3).

Mas voltemos à época esplendorosa da Renascença. Não compete a êste livrinho desenvolver o papel que a Portugal coube neste período brilhante da história do mundo.

Mas não posso deixar de mencionar alguns nomes, que não pertencem à história de Portugal, mas sim à história de todos os povos:

Gama e Albuquerque e o seu genial precursor Infante D. Henrique. Compete-me apenas registrar, em breves palavras, quais os vultos principais que concorreram para os progressos da Medicina, neste período: Em primeiro lugar, citarei Garcia de Orta, pioneiro da Medicina tropical. Professor da Univer-

(1) J. A. Serrano — Tratado de Osteologia humana. Lisboa, 1895.

— Maximiano Lemos — *loc. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima — Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa (*Estudos Italianos em Portugal*, 2-1940).

(3) *Idem* — Como foi iniciado o estudo da Anatomia no Brasil (*Brasília*, II, 1941).

cidade de Lisboa, quando da Reforma de D. João III, em vez de ir para Coimbra, passou à Índia, onde viveu largos anos, estudando, pela primeira vez, a flora indiana, e descrevendo algumas doenças até então desconhecidas na Europa, como a cólera. Além de Garcia de Orta, companheiro e amigo de Camões, que se lhe refere na *Ode ao Conde de Redondo*, outros médicos portugueses, tais como Cristóvão da Costa, se ocuparam da flora medicinal indiana.

Os trabalhos portugueses foram largamente divulgados por tóda a Europa por Charles de l'Écluse (1).

Não estão ainda bem averiguados quais os motivos pelos quais Garcia de Orta, em vez de

(1) Sôbre Garcia de Orta, veja-se:

— *Augusta Gersão Ventura* — Clúsio — Portugal e os Portugueses nas suas obras (*Petrus Nonius I*, Coimbra, 1933).

— *Conde de Ficalho*. Garcia de Orta e o seu tempo, Lisboa, 1886.

— *Maximiano Lemos* — *loc. cit.*

— *Tomás Pires* — Estudos e notas elvenses — VIII Garcia de Orta, 2.^a ed., Elvas, 1923.

— *Silva Carvalho* — Garcia d'Orta. Comem. do 4.^o Centenário da sua partida para a Índia — (*Rev. da Universidade de Coimbra*, XII, 1-1934).

— *Augusto de Esaguy* — Garcia d'Orta físico-mór del rei, Lisboa, 1934.

seguir para Coimbra com a Universidade de que era professor, preferiu ir para a Índia.

O grande médico era judeu e talvez por intolerância religiosa tivesse de emigrar.

A sua partida para a Índia tem qualquer coisa de providencial. Sem ela, não poderiam ter sido escritos os « Colóquios », uma das obras mais representativas da ciência portuguesa.

Outro médico judeu que tanto honra a história da medicina portuguesa é o célebre Amato Lusitano, que nasceu em Castelo Branco em 1511, o qual, por intolerância religiosa, teve uma vida errante, por Espanha, Países Baixos, Itália e Turquia.

A sua obra é notabilíssima e ocupa-se de vários ramos das ciências médicas: como anatómico, atribui-se-lhe o facto de ter observado pela primeira vez as válvulas das veias, que tanta importância teve na história da circulação do sangue; é considerado um dos mais célebres médicos do Século XVI, atendendo ao grande número de excelentes observações clínicas das suas « Centúrias medicinais »; também Amato Lusitano se mostrou grande naturalista, nos seus comentários às obras de Dioscórides (1).

(1) Sobre a vida e obra de Amato Lusitano, veja-se:

A natureza dêste livrinho e a sua brevidade permitem-me referir-me sòmente aos grandes vultos da nossa história médica. Neste período, citarei ainda outro grande médico judeu, cujo nome honrará a companhia dos seus ilustres correligionários Garcia de Orta e Amato Lusitano — Rodrigo de Castro.

A biografia e a bibliografia dêste célebre médico judeu-português foram estudadas pelo Professor Pedro Dias, que, justamente, lhe chamou o criador da ginècologia (1). Com efeito, foi Rodrigo de Castro o primeiro médico a escrever uma obra em que as doenças das mulheres eram tratadas como especialidade (*De Universa Muliebrium Medicina*). E, se o seu autor, por motivos religiosos, muito vagueou pelo mundo, devemos salientar que foram co-

— Maximiano Lemos — Amato Lusitano — A sua vida e a sua obra — Pôrto, 1907.

— Ricardo Jorge — Comentos à Vida, Obra e Época de Amato Lusitano (*Arq. de História da Medicina Portuguesa* — Nova série — 5.º ano — 1914 e seguintes).

— Maximiano Lemos — Amato Lusitano — Correções e aditamentos (*Revista da Universidade de Coimbra*, X, 1922).

— J. Lopes Dias — Amato Lusitano — Ensaio bio-bibliográfico — Lisboa, 1942.

(1) Pedro Dias — Rodrigo de Castro — Apontamentos para a biografia do criador da ginècologia (*Arq. de História da Medicina Portuguesa* I—III—Pôrto, 1886-1889 — *passim*).

lhidos em Portugal a maior parte dos materiais para a elaboração do seu tratado.

Foi o Século XVI o período mais brilhante da história da medicina portuguesa. Apesar da confusão que ainda hoje reina na história dessa época, temos de reconhecer que a médicos portugueses se deve, com Garcia de Orta e seus émulos, a criação de uma nova especialidade médica (a patologia exótica); e também a um médico português se deve a instituição de outra especialidade clínica (a ginècologia). Ainda ao Século XVI pertenceu Diaz de Ysla que, em Lisboa, foi o pioneiro da sifiligrafia (1).

Na mesma época viveu Amato Lusitano, um dos maiores clínicos e um dos maiores naturalistas do Século XVI. Mas, enquanto Amato escreveu longe da pátria a maior parte da sua obra, Rodrigo de Castro viveu largo tempo em Lisboa e Évora, onde colheu grande número de observações clínicas.

Já muito velho, Rodrigo de Castro publicou em Hamburgo, onde vivia, e onde editara também o seu tratado de ginècologia, a sua obra *Medicus Politicus*, tratado de deontologia médica, o qual, com os dos seus contemporâ-

(1) Sôbre Diaz de Ysla ver ainda: Costa Santos — O tratamento das boubas no Hospital Real de Todos-os-Santos de Lisboa, 1916.

neos Jerónimo de Miranda e Henrique Jorge Henriques (*Retracto del Perfecto Medico*) se devem considerar obras fundamentais e sempre actualizadas, sôbre os deveres dos médicos.

Henrique Jorge Henriques foi um célebre médico português, que foi professor das Universidades de Salamanca e de Coimbra.

Como seria nobre a nossa profissão, se a Ordem dos Médicos pudesse conseguir que os médicos de hoje pautassem a sua vida pelos conselhos deontológicos dos seus antepassados quinhentistas Jerónimo de Miranda, Rodrigo de Castro e Henrique Jorge Henriques!

Depois de me ocupar, sucintamente, das figuras máximas da medicina portuguesa no século áureo da nossa história, ainda tratarei de outros importantes médicos do mesmo tempo.

A reforma de D. João III e instalação definitiva da Universidade em Coimbra coïncidiu com a ampliação dos estudos médicos e a nomeação de novos professores, alguns dos quais de grande mérito.

A conquista de Constantinopla e a descoberta da imprensa tornaram possível a divulgação das obras de Hipócrates, Galeno e de outros grandes nomes da medicina grega, romana e árabe. Entre os novos professores da Faculdade de Medicina de Coimbra, citam-se Cuellar e Reinoso, que muito divulgaram entre nós as doutrinas hipocráticas. Tam-

bém devo citar Manuel Brudo, que publicou em Antuérpia um livro sôbre o tratamento das febres, segundo as doutrinas de Hipócrates.

Brudo era português, filho de outro médico chamado Dionísio, que foi clínico da família real portuguesa.

Foram escritos em Portugal comentários sôbre Hipócrates por António Luís, Cuellar, Rodrigues da Veiga e Garcia Lopes.

O mais célebre de todos foi o lisbonense António Luís, em cuja obra *De occultis proprietatis*, se prevê a lei da gravitação de Newton.

O grande helenista António Luís foi professor das universidades de Salamanca e de Coimbra.

Mestre de Coimbra foi também Henrique de Cuellar, português chamado do estrangeiro por D. João III, e que deu grande desenvolvimento à medicina hipocrática.

Do estrangeiro, veio também ensinar medicina a Coimbra Garcia Lopes, natural de Portalegre, e antigo discípulo do grande Ambrósio Nunes em Salamanca. Ao português Ambrósio Nunes chama o seu discípulo Henrique Jorge Henriques *Ave phenix da medicina*. É forçoso lembrar também o célebre Tomás Rodrigues da Veiga, professor em Coimbra, que deixou uma plêiade de brilhantes discípulos, entre os quais Henrique Jorge Henriques, mestre em Salamanca e em Coimbra,

ao qual devemos, além de outras obras, o «Retracto del perfecto medico», tratado de deontologia médica, já atrás citado. Tomás Rodrigues da Veiga publicou diversas obras, entre as quais se destacam os comentários a Galeno.

Entre os professores nomeados por D. João III para a Faculdade de Medicina de Coimbra, conta-se ainda o espanhol Francisco Franco, que ensinou matéria médica e se dedicou também a estudos de epidemiologia (peste, tifo exantemático). Franco passava as férias em Lisboa, sendo então médico do Rei.

Sobre a prevenção da peste grande, escreveram também, nessa época, os espanhóis Tomás Álvares e García de Salzedo, que apresentam proveitosos ensinamentos sobre profilaxia anti-pestosa.

Terminada a exposição sucinta do período mais brilhante da história da medicina portuguesa, vou agora ocupar-me do Século xvii.

Depois da gloriosa dinastia de Avis, em que Portugal marcou no mundo a mais brilhante posição, depois da obra colonizadora e cultural do tão caluniado Rei D. João III, o nosso País resvalou subitamente num período lastimoso de decadência.

Lembremos ainda uma vez as figuras primaciais da nossa história médica: Diaz de Ysla, García de Orta, Amato Lusitano, Rodrigo de Castro. A esta gloriosa época per-

tenceu também o maior sábio das Espanhas, o matemático insigne Pedro Nunes, que era formado em medicina.

O Século xvii não produziu um único nome que, nem de longe, possa comparar-se com êstes. E é forçoso confessar que nunca mais Portugal atingiu o valor científico que desfrutou na época de Camões.

A anatomia aclimatou-se lenta e penosamente em Portugal. A lição de Guevara não frutificou e, depois dêle, por muito tempo foram suprimidas do ensino, em Coimbra e Lisboa, as disseccões em cadáveres humanos.

Assinalam-se entre nós dois cirurgiões de certo valor, António da Cruz e António Ferreira, os quais, apesar de estarem ao par da ciência do tempo, nada fizeram de original. A anatomia que, na Itália quinhentista, com Vesálio e a plêiade brilhantíssima de seus contemporâneos e sucessores (1), atingiu esplendor máximo, em Portugal, depois do esforço de Guevara, retrocedeu a uma decadência, que durou mais de dois séculos.

Poucos nomes de grandes médicos se podem salientar no Século xvii. Além daquêles

(1) A Itália, diz Castaldi, foi o bêrço esplêndido da Morfologia descritiva, da qual, algum tempo, foi Mestra do mundo. (*Acta Medica Italica — L'Anatomia in Italia — VI, II — 1939*).

dois cirurgiões, lembrarei Madeira Arrais, com o seu tratado de doenças venéreas, de real valor, mas que não pode comparar-se ao pioneiro Diaz de Ysla; alguns trabalhos sôbre patologia exótica, os quais não tem a valia dos «Colóquios» de Garcia de Orta; Ambrósio Nunes, com o seu livro sôbre a peste, e sobretudo o grande Zacuto Lusitano, que, no Século XVII, ombreia com o seu correligionário quinhentista Amato Lusitano.

É necessário salientar igualmente o maior filósofo português, Francisco Sanches, que foi professor de medicina em Mompilher e Tolosa. Injustamente esquecido pela historiografia médica portuguesa, certamente por causa das dúvidas àcerca da sua verdadeira nacionalidade, é preciso que o consideremos hoje um dos nossos maiores sábios (1).

Já vimos que o anatómico Guevara, chamado por D. João III para o ensino em Coimbra e em Lisboa, não conseguiu criar entre nós uma tradição anatómica e parece que, dos seus discípulos, só o cirurgião António da Cruz deixou algum renome.

A sua Cirurgia, que teve muitas edições, era decalcada pelas obras de Guy de Chauliac e de outros autores estrangeiros. Também foi

(1) V. Rocha Brito — Francisco Sanches — Coimbra, 1940.

editada muitas vezes a «Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia» de António Ferreira, cirurgião lisbonense de grande fama. Acompanhou a Inglaterra a infanta D. Catarina, quando ela foi casar-se com o rei Carlos II, e interveio no escandaloso processo de anulação do casamento de D. Afonso VI (1). A obra de António Ferreira que, por largo tempo, teve grande voga em Portugal, também é uma compilação sem grande originalidade.

Apareceram ainda, neste século, mais alguns trabalhos portugueses sôbre cirurgia (João Bravo Chamiço, Amaro da Fonseca, etc.).

Nesta época foi publicado o «Método de conhecer e curar o morbo gálico» de Duarte Madeira Arrais, tratado de doenças venéreas que teve grande notoriedade.

Assim se continuava entre nós a tradição criada por Diaz de Ysla e mantida pelos *mes-tres de boubas* do Hospital de Todos-os-Santos.

Na patologia médica devemos mencionar Ambrósio Nunes, que, depois de ser professor em Coimbra, foi lente em Salamanca durante 26 anos. Depois de jubilado, voltou à Pátria, onde foi cirurgião-mór do Reino, publicando os seus trabalhos em princípios do Sécu-

(1) J. A. Pires de Lima e António A. Pires de Lima — D. Afonso VI. Pôrto, 1937.

lo xvii. Como vimos, o seu famoso discípulo Henrique Jorge Henriques chamou-lhe a *Ave phenix* da medicina. Outros autores apareceram, sem grande originalidade.

O mais notável foi Aleixo de Abreu, que se ocupou da patologia exótica, descrevendo pela primeira vez o *mal do bicho*, e o escorbuto (*mal de Luanda*).

A todos sobreleva, porém, Zacuto Lusitano, o mais famoso médico português do Século xvii (1).

Nasceu em Lisboa, de pais israelitas, em 1575, estudou em Salamanca e em Coimbra, doutorando-se em Siguenza. Voltou depois à *pátria dulcíssima*, onde fez clínica durante trinta anos. Recrudescendo a perseguição aos Judeus, Zacuto emigrou para Amsterdão, onde obteve grande reputação, morrendo ali em 1642.

São muito notáveis as obras de Zacuto Lusitano. O primeiro volume (*De medicorum principum historia*) revela prodigiosa erudição, compendiando numerosas observações clínicas dos principais médicos gregos, romanos e árabes.

No segundo volume das obras completas de Zacuto trata-se de deontologia médica, de patologia interna, de ginècologia e obstetrícia, etc.

(1) Maximiano Lemos — Zacuto Lusitano — A sua vida e a sua obra — Pôrto, 1909.

Neste século notabilizaram-se outros médicos judeus portugueses: Estêvão Rodrigues de Castro, professor em Pisa, e Filipe Montalto, médico de Luís XIII, Rei de França.

Da mesma época são várias obras em que se fazem comentários, mais ou menos desenvolvidos, a Galeno (André António de Castro, Manuel dos Reis Tavares, Manuel Lopes Pereira e sobretudo o livro de vulgarização de Morato Roma — Luz da Medicina). Também saíu a obra póstuma de Tomás Rodrigues da Veiga *Prática Médica*, demasiadamente teórica e aferrada às doutrinas galénicas.

À nova edição da *Cirurgia* de António da Cruz veem anexos dois pequenos trabalhos de Francisco Soares Feio sobre patologia exótica, os quais parecem resumos de Aleixo de Abreu.

Também citarei a *Correcção de abusos* de Fr. Manuel de Azevedo, em que se combate o abuso das sangrias e se preconizam os purgantes.

Dois médicos que exerceram no Brasil, Simão Pinheiro Morão e João Ferreira Rosa estudaram ali, o primeiro, epidemias de varíola e de sarampo e o segundo ocupou-se de uma epidemia de febre amarela a que assistiu em Pernambuco. O *Tratado unico da constituição pestilencial de Pernambuco* é considerada a primeira obra em que se descreve aquela pestilência exótica. Assim como, no Século xvi, por iniciativa de Garcia de Orta, se

introduziram na terapêutica muitas drogas originárias da Índia, também, no Século xvii, algumas plantas brasileiras entraram na composição de remédios.

Para isso muito concorreu o grande Zacuto Lusitano.

No reinado de D. João IV, o botânico alemão Grisley veio para Portugal e, depois de Amato Lusitano, foi o primeiro que se ocupou da flora médica portuguesa (*Desengano para a medicina ou botica para todo pay de familias*).

No fim do século, apareceu a famosa *Polyantha Medicinal* de Curvo Semedo, a qual teve numerosas edições.

A obra de Curvo Semedo foi muito divulgada e teve efeito mais nocivo que útil.

Apesar de erudita e bem escrita, a Poliantheia foi agente de difusão de superstições, de erros, e tinha um carácter charlatanesco, destoante dos princípios ensinados pelos grandes deontologistas portugueses do século áureo da nossa história.

As águas minerais portuguesas, utilizadas algumas desde os tempos proto-históricos, foram neste período estudadas em alguns trabalhos (1). Citarei, principalmente o sifilígrafo

(1) V. Ricardo Jorge — As Caldas do Gerez — Porto, 1888. — Alfredo Luis Lopes — Águas minerais de Portugal — Lisboa 1892.

Duarte Madeira Arrais, que aconselhava as águas sulfurosas (Lafões, Caldas-da-Rainha), como adjuvantes do mercúrio, no tratamento da sífilis.

Sobre higiene, alguns autores portugueses se ocuparam da profilaxia e tratamento da peste. A mais notável obra sobre o assunto foi o *Tratado da Peste* de Ambrósio Nunes, cujas doutrinas ainda hoje são aproveitáveis.

Se não é rica a nossa bibliografia científica do Século xvii à cerca da higiene, muito mais pobre é a que se refere à Medicina legal, que teve entre nós evolução muito lenta (1).

Dessa época, não devemos esquecer o escandaloso processo da anulação do casamento do Rei D. Afonso VI (2).

Assim como, no Século xvi, é preciso não esquecer a qualidade de médico do grande Pedro Nunes, também, no século seguinte, lembremos que o maior dos filósofos portugueses, Francisco Sanches, foi professor de Medicina nas universidades de Mompilher e de Tolosa.

Por muito tempo, houve dúvidas à cerca da nacionalidade do famoso autor do «*Quod nihil scitur*». Hoje sabe-se que era filho de pais

(1) J. A. Pires de Lima—A Medicina forense em Portugal, esboço histórico—Pôrto, 1906.

(2) J. A. Pires de Lima e António A. Pires de Lima—D. Afonso VI—Pôrto, 1937.

portugueses e que, conquanto nascesse em Tui, foi baptizado em Braga.

Apesar de muito peregrinar pelo mundo e de ter feito a sua carreira em França, devemos reivindicar para nós a grande glória de considerar nosso compatriota aquêlê filósofo, que demonstrou *nada se saber*. Com efeito, até há poucos anos, nem sequer se sabia que Francisco Sanches teve por bêrço *Braga, cidade insigne da Lusitânia* (1).

Na história do Século XVIII, é costume fazer uma separação nítida em 1772, data da Reforma pombalina. Mantenho essa divisão didáctica, mais por tradição (2); do que por estar realmente convencido de que o Marquês de Pombal tivesse o papel transcendente que lhe atribuíram os escritores do Século XIX. Está a ser cuidadòsamente revista a história de Portugal no Século XVIII, e suponho que

(1) Sôbre a vida e obras de Francisco Sanches, veja-se a monografia, já citada, de *Rocha Brito* — O português Francisco Sanches — Prof. de filosofia e de medicina nas universidades de Mompilhér e Tolosa (*Bulletin des Études Portugaises*, Coimbra, 1940).

(2) *Maximiano Lemos* — Hist. da Medicina em Portugal — Lisboa, 1899.

Silva Carvalho — História da Medicina portuguesa — Lisboa, 1929.

Luis de Pina — Histoire de la Médecine portugaise — Abrégé — Pôrto, 1934.

tais estudos acabarão por deixar o grande ministro de D. José em lugar mais modesto. Mas não é êste o lugar oportuno para tais discussões.

Pelo que respeita à Anatomia, já tive ocasião de dizer que, apesar das boas intenções da Reforma pombalina, ela não fez avançar aquela ciência entre nós (1).

Julgo ter demonstrado que as épocas mais brilhantes do ensino e da cultura anatómica no nosso País, antes do Século XIX, foram a de D. João III, com a chamada de Guevara, a de D. João V, com a nomeação de Santucci, que veio organizar a nomenclatura anatómica portuguesa, e sobretudo a de D. Maria I, em que floresceu Manuel Constâncio, o maior chefe de Escola que tem havido em Portugal.

No reinado de D. Maria I criaram-se, sob os auspícios de Manuel Constâncio (2), numerosas bôlsas de estudo à Inglaterra, das quais derivou evidente progresso na cirurgia portuguesa (António de Almeida) e a consoli-

(1) *J. A. Pires de Lima* — Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa (*Estudos Italianos em Portugal*, I — 2 — 1940).

Idem — Como foi iniciado o ensino da Anatomia no Brasil (*Brasília*. II — Coimbra, 1943).

(2) *Augusto de Castro* — Manuel Constâncio (o Pa-reo português) (*Arq. de Hist. da Medicina portuguesa* II série — *passim*).

dação definitiva do ensino anatómico. Considero a obra pedagógica de Manuel Constâncio a causa da fundação, por D. João VI, de quatro Escolas de Medicina (Baía, Rio de Janeiro, Lisboa e Pôrto).

Sob o ponto de vista da Anatomia, pouco valeu a reforma pombalina. Tirando os nomes citados, foi extremamente pobre, até ao Século XIX, o papel dos anatómicos portugueses (1).

Se foi morosa a implantação da Anatomia em Portugal, muito mais lenta foi a evolução de Fisiologia. Galeno dominou aqui até muito tarde, quer na morfologia, quer sobretudo na fisiologia. Em Coimbra e em Lisboa, por largo tempo, *De usu partium* era, por assim dizer, o único alimento espiritual dos estudantes portugueses, nas ciências fundamentais da medicina. Aliás, só teòricamente aprendiam os escolares a notável obra galénica . . .

Pode dizer-se que a fisiologia moderna foi iniciada por Serveto, com os seus estudos sobre a circulação do sangue (meados do Século XVI), estudos completados pela retumbante descoberta de Harvey em princípios do Século XVIII.

Pois é forçoso confessar que tais doutrinas só entraram em Portugal, mais de um século

(1) J. A. Serrano — Tratado de Osteologia humana — prefácio dos vols. I e II — Lisboa, 1895-1897.

depois, através do modesto volume de João Marques Correia — *Tratado fisiologico, medico-fisico, e anatomico da circulação do sangue*.

Apareceram depois, entre nós, outros livros de vulgarização sôbre o momentoso assunto.

Monravá y Roca, professor de anatomia, antecessor e grande contraditor de Santucci, teve o mérito de ser o primeiro em Portugal que realizou experiências de fisiologia (1739).

No Século XVIII foram publicados diversos trabalhos de vulgarização cirúrgica (*Cirurgia reformada*, de Feliciano de Almeida, *Castelo forte* de João Lopes Correia, *Cirurgia stahliana*, de José Ferreira, *Promptuário*, de Santos de Tôrres, *Novissima medicina* de Monravá y Roca, *Cirurgia classica* de Gomes Lourenço, etc.

A todos sobreleva, pela sua originalidade, o cirurgião militar Francisco Correia do Amaral Castelbranco, o qual, por ter preconizado largamente o uso da aguardente na cirurgia, deve considerar-se um precursor da antissepsia (1).

(1) J. A. Pires de Lima — Subsídios para o estudo da cirurgia antiga em Portugal (*Pôrto Médico*, II, 1905).

Idem — A operação cesareana em Portugal antes do Século XIX (*Arq. de História da Medicina portuguesa*, Pôrto, 1914).

Ao lado de Amaral Castelbranco, mencionarei o seu contemporâneo não menos ilustre Lourenço Pereira da Rocha, cirurgião de Lamego, que publicou em 1735 a raríssima observação de um caso de monstruosidade dupla parasitária, ocorrida num indivíduo de 32 anos, que foi operado por aquêle cirurgião.

Na literatura médica portuguesa várias vezes se fizeram referências à notável observação, que Fernando Magano teve a feliz idéia de reproduzir recentemente (1). Ali se pode ver a notável erudição e o espírito observador do modesto prático lamecense.

Viveu no Pôrto o famoso clínico e fecundo escritor Manuel Gomes de Lima Bezerra, a quem se deve a fundação da primeira revista médica portuguesa (*Zodiaco Lusitano Delfico*) e da primeira sociedade médica (*Academia Cirurgica do Porto*), ambas de efêmera duração.

As doenças venéreas foram objecto de trabalhos valiosos, como o de Francisco da Fonseca Henriques, o *doutor Mirandela*, célebre médico do Rei D. João V.

A obra do doutor Mirandela *Madeira illustrado* é a reedição ampliada do *Metodo de conhecer e curar o morbo galico*, de Duarte Madeira Arrais.

(1) *Jornal do Médico*, Pôrto, 1943 (N.ºs 64, 65, 66).

Mais importante é a *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne*, publicada em Paris pelo médico português mais célebre do Século XVIII, António Nunes Ribeiro Sanches, cuja vida e obra foram exaustivamente versadas num estudo verdadeiramente monumental de Maximiano Lemos (1).

Filho de cristãos novos portugueses, Ribeiro Sanches estudou medicina em Coimbra e Salamanca. Depois de largas viagens de estudo em França, Itália e Inglaterra, foi parar a Leyde, sendo discípulo de Boerhaave, o mais célebre médico do seu tempo, do anatómico Albino, do farmacologista Van Swieten, etc.

Em 1731, a imperatriz da Rússia solicitou de Boerhaave que lhe mandasse um dos seus discípulos para desempenhar um importante cargo de médico militar. Foi escolhido Ribeiro Sanches, que esteve na guerra da Crimeia, onde colheu numerosas observações. Depois da guerra, foi nomeado médico da côrte imperial russa e, depois, conselheiro de Estado. Reformado, veio para Paris, onde conviveu com os maiores sábios do seu tempo.

(1) *Maximiano Lemos* — Ribeiro Sanches — A sua vida e a sua obra — Obra escrita sôbre novos documentos, no desempenho de uma comissão do Govêrno português — Pôrto, 1911.

Publicou numerosas obras e deixou muitas outras manuscritas, que se encontram na Biblioteca Nacional de Paris, na Biblioteca pública de Braga, etc.

Tratou Ribeiro Sanches de assuntos variadíssimos, tais como: higiene, sifilografia, pedagogia médica, e foi colaborador da célebre *Enciclopédia* de Diderot.

Como higienista, publicou, sem nome de autor, o notável «Tratado da Conservação da Saúde dos Povos», o que lhe valeu ser proclamado por Ricardo Jorge (1) pioneiro da higiene pública moderna.

Ribeiro Sanches previu a existência das vitaminas e aconselhou o sumo de limão e de laranja no tratamento do escorbuto. Gaba as virtudes dos limões e das laranjas azedas, como remédio soberano contra as doenças dos embarcações e contra as febres (2).

(1) Ricardo Jorge — XV Congresso Internacional de Medicina, Lisboa, 1904. (Secção de Higiene — Discours du Président Ricardo Jorge à la séance d'ouverture — Lisbonne 1906).

(2) J. A. Pires de Lima — Un pionnier de l'hygiène moderne: Ribeiro Sanches (*Le Front Latin*, N.º 10, Paris, 1936).

V. trabalhos de Carlos França, Américo Pires de Lima e Luís de Pina, à cerca dos Portugueses na Medicina tropical.

É sabido que a expedição de Vasco da Gama esteve em risco de perder-se, por causa de uma epidemia de escorbuto. Esta doença é maravilhosamente descrita nos *Lusíadas*, e está demonstrado que foi o presente de laranjas oferecido ao Gama pelo Rei de Melinde que salvou a gloriosa expedição que descobriu a Índia.

Foi também notável a obra pedagógica de Ribeiro Sanches (*Cartas sobre a educação da Mocidade, Método para aprender e estudar a medicina*, etc.). Nela se inspirou principalmente o Marquês de Pombal, para elaborar a sua célebre Reforma (1).

Como sifilígrafo, procurou demonstrar que o *morbo gálico* não seria importado da América pelos marinheiros de Colombo, pois já existiria na Europa alguns anos antes da expedição colombina.

Ribeiro Sanches deixou dezenas de manuscritos inéditos, que se encontram dispersos por diversas bibliotecas, entre elas, como já disse, a Biblioteca Nacional de Paris e a Biblioteca Municipal de Braga. Êstes últimos foram tra-

(1) Sobre o papel de Verney e de Ribeiro Sanches na Reforma Pombalina, vêr:

Camilo Castelo Branco — Perfil do Marquês de Pombal — 4.^a ed. — Pôrto 1943.

zidos para o nosso País pelo Conde da Barca, ministro de Portugal em França, no tempo de Ribeiro Sanches.

Maximiano Lemos (1) compulsou e analisou largamente tôdas as obras impressas e manuscritas do mais célebre médico português do Século XVIII. A sua bibliografia é extensíssima: Maximiano Lemos regista 26 obras impressas e nada menos de 138 manuscritos.

São curiosas as ideias religiosas de Ribeiro Sanches. Apesar de ser de origem judaica e de ter emigrado com medo da Inquisição, que tanto molestara numerosos membros da sua família, Ribeiro Sanches disse em carta escrita a um amigo: «declaro e afirmo' do modo mais expressivo e valioso que sou cristão católico romano e que creio tudo aquilo que crê e ensina a Santa Igreja Católica romana, em cuja fé e religião verdadeira prometo de morrer e viver».

E, no seu testamento, corrobora as mesmas idéias:

«Recomendo a minha alma a Deus todo poderoso, suplicando-lhe que me faça morrer nas disposições do seu amor e união com os

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

dons da sua divina graça e fé em tudo o que crê a Igreja Católica.»

Nem sempre foi cristão o célebre médico, pois, na sua passagem por Londres, converteu-se ao judaísmo, chegando a ser circuncidado.

Mais tarde volveu à religião católica, e apesar das perseguições de que sua família foi vítima por parte da Inquisição, fala do terrível tribunal com certa simpatia, defendendo a manutenção do Santo Ofício, «para conservar a fé na sua pureza, sem mistura doutras religiões ou seitas». Chega a louvar a benevolência da Inquisição, dizendo que muitos presos deveram a vida à misericórdia e piedade dos inquisidores. . . .

É curioso verificar que Ribeiro Sanches, sendo de família israelita, e vivendo em Paris com os fautores da Revolução francesa, ao contrário do que geralmente se pensa, declarou solenemente que era católico e monárquico, mostrando até certa simpatia pelo governo despótico da Rússia!

Mas deixemos agora as idéias de António Nunes Ribeiro Sanches, para citar outros nomes mais modestos da medicina portuguesa do Século XVIII.

Neste curto resumo, não poderei referir-me a numerosos trabalhos, que se publicaram nesta época, àcerca da sangria, da arte de algebrista e da arte de partos.

Pode ler-se a bibliografia dêstes assuntos na obra, tantas vezes citada, de Maximiano Lemos ().

Em obstetria destaca-se o *Socorro Delfico* de Francisco da Fonseca Henriques, o fecundo «Doutor Mirandela». Também o anatómico Monravá y Roca se ocupa do mesmo assunto.

Além do *Socorro Delfico*, citarei de Fonseca Henriques o *Apiarium medico-chymicum*, onde se notam as qualidades de observador do Doutor Mirandela, cuja bibliografia já tive ocasião de estudar (2), citando algumas edições desconhecidas.

Na Patologia exótica, em que os Portugueses foram pioneiros (Garcia de Orta, etc.), devo citar, neste período, Miguel Dias Pimenta, que nasceu em Landim, na Quinta do Prègal, onde, dois séculos depois, Camilo Castelo Branco fez passar muitas cenas do famoso romance «A Brasileira de Prazins».

Dias Pimenta fez clínica no Brasil, onde estudou a febre amarela e, sobretudo, o *Mal do*

(1) *Maximiano Lemos* — História da Medicina em Portugal — Doutrinas e instituições — Vol. II, Lisboa, 1899.

(2) *J. A. Pires de Lima* — O Dr. Francisco da Fonseca Henriques «O Mirandela» — Nota bibliográfica (*Revista de História*, X, Lisboa, 1921).

bicho, rectite epidémica, que os médicos portugueses, pela primeira vez, encontraram no Brasil e em Angola.

No primeiro quartel do Século XVIII foi Lisboa atacada por uma epidemia de febre amarela, da qual se ocuparam Manuel Moreira Teixeira e Simão Felix da Cunha.

Foram também notáveis cultores da medicina tropical entre nós, neste século, José Ribeiro de Abreu, que publicou a conhecida obra «Luz de Cirurgiões embarcadiços», e Luís Gomes Ferreira, que escreveu o livro denominado «Erário Mineral», que é a descrição das doenças que observou, durante os longos anos em que fez clínica no Brasil (Minas Gerais).

Outro médico que, nesta época, fez clínica na nossa outrora possessão vastíssima da América do Sul, foi António Francisco da Costa, que também estudou a *enfermidade do bicho*.

Ainda entre os cultores da patologia exótica, é preciso citar João Cardoso de Miranda e a sua *Relação cirúrgica e médica*, na qual se ocupa largamente do escorbuto.

Além de Ribeiro Sanches, teve o grande Boerhaave, outro discípulo notável em Portugal — Sachetti Barbosa, que se ocupou das febres epidémicas. As diversas teorias que dominavam a medicina dêsse tempo davam origem a grandes controvérsias, entre as quais citarei a da *Ilustração Médica*, que se

opôs às ideias expostas na obra de Sachetti Barbosa.

Não é possível, neste epítome, dar notícia de tôdas as numerosas publicações desta época, a respeito de patologia e terapêutica médicas.

Por isso, remetemos o leitor para a obra de Maximiano Lemos (1).

Farei excepção para Jacob de Castro Sarmiento, que merece uma referência especial.

Enquanto que Ribeiro Sanches honrou Portugal em França e na longínqua Rússia, o judeu trasmontano Castro Sarmiento muito illustrou a ciência médica e o seu País em Londres, onde passou a maior parte da sua vida, onde foi graduado doutor e fêz parte do Colégio Real dos Médicos e membro da Sociedade Real, o que é raro num estrangeiro.

Publicou um vasto e célebre *Tratado de Matéria Médica*, onde aconselhava largamente o uso da quina no tratamento das febres.

Esse medicamento era de origem americana e o seu utilíssimo uso foi uma das consequências das grandes descobertas geográficas peninsulares. Como bom judeu que era, tirou grande proveito comercial Jacob de Castro Sarmiento da venda de um remédio por êle

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

inventado e que teve grande voga — as *Águas de Inglaterra*, cuja base era a quina e que tiveram largo e proveitoso emprêgo no tratamento das febres intermitentes.

Jacob de Castro Sarmiento, que se intitula sempre *médico lusitano*, mantinha relações com o Marquês de Pombal, por cuja iniciativa traduziu uma obra médica inglesa (1).

Com mêdo à Inquisição abandonaram o reino, por esta época, outros médicos judeus, que se celebrizaram no estrangeiro. Entre êles citarei João Baptista Silva, que foi médico do rei de França Luís XV.

A sua vida aventureosa foi estudada, não há muito, por Silva Carvalho (2).

O mesmo autor publicou recentemente a vida de outro judeu português célebre, que

(1) Sôbre a vida e obra de José de Castro Sarmiento veja-se: *Augusto de Esaguy* — Uma dedicatória do Dr. Jacob ou Henrique de Castro Sarmiento (*A Medicina Contemporânea*, 1929).

Idem — As *Águas de Inglaterra* inventadas pelo Dr. Jacob de Castro Sarmiento (*Idem*, 1930).

Idem — Nótulas relativas às *Águas de Inglaterra*, inventadas pelo Dr. Jacob de Castro Sarmiento, Lisboa, 1931.

(2) *A. da Silva Carvalho* — Um célebre médico português (João Baptista Silva) (conferência pronunciada no *III Congresso Nacional de Medicina*, Lisboa, 1928).

foi médico-chefe do sultão da Turquia: Daniel da Fonseca (1).

Foi muito aventureosa no Oriente europeu a vida do médico judeu português, que desempenhou importante papel diplomático ao serviço da França.

Tendo enriquecido no Oriente, regressou depois a França, onde viveu e morreu obscuramente.

Neste século apareceram vários estudos sobre hidrologia médica. Como é sabido, Portugal é um dos países mais ricos em águas minerais, algumas das quais eram empregadas desde tempos remotíssimos.

O tantas vezes citado Francisco da Fonseca Henriques publicou o primeiro inventário das fontes medicinais portuguesas, a que chamou *Aquilégio medicinal*. Foi meritória a obra do doutor Mirandela, conquanto imperfeita, pelo atraso em que, naquele tempo, ainda se achava a química.

Outros estudos sobre hidrologia médica apareceram nesta época, aos quais sobreleva a obra anónima intitulada «Observações das águas das Caldas da Rainha», que se demons-

(1) *Silva Carvalho*—Daniel da Fonseca, Juif Portugais célèbre, médecin et politicien à Constantinople (*Imprensa Médica*, V, 17 — Lisboa, 1939).

trou ser da autoria de Jacob de Castro Sarmiento.

Sobre este assunto, outras memórias foram publicadas pela mesma época.

No Século XVIII editaram-se numerosas farmacopeias em Portugal. A sua lista pode ver-se em Maximiano Lemos (1) e no catálogo da Biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto (2), que possui uma colecção muito rica.

A *Farmacopeia Lusitana*, de D. Caetano de Santo António, a quem Maximiano Lemos denomina monumento da farmácia galénica, abre a numerosa série, que mostra o grande desenvolvimento que teve então a farmácia portuguesa, a qual, no princípio era exclusivamente galénica, mas que depois começou a utilizar também as medicações químicas, por influência das farmacopeias inglesas, traduzidas e adaptadas ao nosso País, e pelo desenvolvimento da química e das ciências naturais, consecutivo à Reforma pombalina.

São numerosas as obras publicadas sobre higiene. A tôdas sobreleva o «Tratado da Conservação da Saúde dos Povos» de Ribeiro Sanches, ao qual já fiz referência. Outro livro

(1) Maximiano Lemos — *loc. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima — Catálogo da Biblioteca da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto — 1910.

que teve grande voga foi a *Âncora Medicinal* de Francisco da Fonseca Henriques, obra de vulgarização higiênica, de certo valor, que teve larga difusão.

Não pode dizer-se o mesmo do *Portugal médico ou Monarquia médico-lusitana*, «abstruso e inconseqüente livro», como o denomina Maximiano Lemos, que informa também que o volumoso *in-folio* serve de documento «do que era o exercício da medicina entre nós no Século XVIII, quando uma chusma de charlatães de tôda a espécie invadira o nosso País». O autor do *Portugal Médico* era Brás Luís de Abreu, protagonista do célebre romance de Camilo Castelo Branco *O Ólho de Vidro*. À mesma época pertencem ainda outros modestos higienistas, tais como: Pina e Proença, Silva Leitão, Silva e Azevedo e Rebêlo Saldanha. Sôbre as obras dêstes autores veja-se Maximiano Lemos (1).

A Medicina legal tinha uma existência precária entre nós e só em fins do Século XIX chegou a ter em Portugal uma situação digna (2).

Numerosas epidemias que assolaram o Reino determinaram a promulgação de providên-

(1) Maximiano Lemos — *loc. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima — *A Medicina forense em Portugal, Esbôço histórico* — Pôrto, 1906.

cias mais ou menos úteis, mais ou menos violentas.

Sôbre êste assunto vejam-se as obras de Vieira de Meireles (1) e de Maximiano Lemos (2).

No Século XVIII houve as primeiras tentativas para criar em Lisboa e no Pôrto sociedades e revistas científicas. Essas instituições, de efêmera duração, devem-se a Monravá y Roca e a Gomes de Lima (3).

(1) *Vieira de Meireles*, — Memórias de epidemiologia portuguesa, Coimbra, 1866.

(2) *Maximiano Lemos* — História da Medicina em Portugal, Doutrinas e instituições I-II — Lisboa, 1899.

(3) *Alfredo Luís Lopes* — O jornalismo médico português — Resenha bibliográfica (Rev. Portug. de Medicina e Cirurgia práticas I-II — Lisboa, 1896-1897).



Até à fundação das Régias Escolas de Cirurgia

COM exagêro, diz Maximiano Lemos (1):
«A Reforma executada em 1772 pelo Marquês de Pombal marca talvez a página mais brilhante da nossa história literária».

É certo que o ensino superior estava atrasadíssimo entre nós, o que, já no reinado de D. João V, tinha sido verificado. O sábio Ribeiro Sanches, na sua obra «Método para aprender e estudar a medicina», apresentou um plano de reorganização de estudos que, em grande parte, foi aproveitado pelos estatutos pombalinos. Ribeiro Sanches aconselhava o estudo das ciências acessórias, a criação de hospitais, laboratórios e jardins botânicos, a introdução do sistema do seu Mestre Boerhaave e a fusão do ensino da medicina com o da cirurgia.

Mas parece que as bases da Reforma se inspiraram principalmente na conhecida obra

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

de Luís António Verney «Verdadeiro Método de estudar».

No famoso livro de Verney faziam-se acusações tremendas aos Jesuítas, a quem o Marquês de Pombal jurara ódio de morte.

À Companhia de Jesus atribuíam-se todos os males de que Portugal sofria, entre êles o estado miserável a que tinha chegado o ensino médico (*Compêndio histórico*).

Verney aconselhava que os estudantes, antes de entrarem na Faculdade de Medicina, conhecessem bem a filosofia, a física, a mecânica e a história natural. À entrada na Faculdade estudariam, com grande desenvolvimento, a Anatomia, praticando disseccções repetidas nos cadáveres, o que ainda era novidade para aquêle tempo, em Portugal.

São realmente notáveis as disposições dos Estatutos pombalinos: antes da matrícula na Faculdade de Medicina, o aluno deveria conhecer bem o latim, o grego necessário, facultativamente o francês e o inglês. Além das línguas, o aluno estudaria previamente filosofia e, durante três anos, física e matemática, química e ciências naturais.

Feitos êstes exames, tinha ingresso na Faculdade de Medicina, que seria cursada durante cinco anos: no primeiro ensinar-lhe-iam história da medicina, matéria médica e prática farmacêutica; a botânica médica seria estudada nos herbários e no Jardim botânico.

No 2.º ano estudar-se-ia anatomia, medicina operatória e obstetrícia. O ensino da anatomia levaria cinco meses e basear-se-ia em disseccções em cadáveres humanos e de animais. A partir do terceiro ano, começava a prática hospitalar, que se intensificava no quinto ano, que a ela era inteiramente dedicado.

Os Estatutos determinavam que se edificasse um teatro anatómico e um Hospital, com botica anexa.

Com todos os seus defeitos, os Estatutos pombalinos marcam uma era de progresso no ensino médico.

Não foi feliz o Marquês de Pombal com alguns dos mestres que escolheu para executar a sua Reforma. Luís Cichi, por exemplo, que foi nomeado professor de Anatomia, mostrou-se totalmente incapaz de desempenhar o seu lugar.

A história da medicina marca, nesta época, um período de doutrinas, teorias e discussões, que mais perturbaram do que fizeram avançar a ciência. Refiro-me, de relance, ao iatro-qui-mismo, iatro-mecanismo, o animismo, o estimulismo, o contra-estimulismo, o vitalismo e, mais tarde, a homeopatia, etc.

Muitos dos mestres que tiveram de instalar a Reforma preocupavam-se demasiadamente com a exposição e crítica de tantas teorias e, talvez por isso, a famosa Reforma não deu todos os resultados que dela se esperavam.

É certo que, da Reforma resultaram grandes benefícios, entre os quais avulta o grandioso Jardim Botânico, que, ainda hoje, é uma glória para a Universidade de Coimbra.

Mas a má escolha do professorado, as agitações políticas, a incompetência dos governos, o recrudescimento de abusos fizeram com que falhassem, em grande parte, as esperanças de levar Portugal à altura das nações mais adiantadas.

Não foi em Coimbra, com a famosa Reforma universitária, mas sim no modesto Curso de Cirurgia do Hospital de Todos-os-Santos, que um simples barbeiro conseguiu criar, pela primeira vez, uma escola anatômica portuguesa, que depois irradiou para Coimbra, para o Pôrto, para a Baía, para o Rio de Janeiro (1).

A instâncias do grande Manuel Constâncio, a Rainha D. Maria I instituiu bôlsas de estudo no estrangeiro, principalmente na Inglaterra, e daí resultou, a meu ver, a possibilidade da criação, por D. João VI, das Escolas de Medicina da Baía, Rio de Janeiro, Lisboa e Pôr-

(1) *Augusto de Castro* — Manuel Constâncio — o Pareo português (*Arq. de História da Medicina portuguesa*, 9.º ano e seguintes).

— *J. A. Pires de Lima* — Como foi iniciado o ensino da Anatomia do Brasil (*Brasília II* — Coimbra, 1942).

to, de onde proveio o maior progresso nos domínios da Medicina portuguesa.

Foi recebida com excessivo entusiasmo a Reforma do Marquês de Pombal, e não há motivo para separar tão nitidamente, no Século XVIII, o período anterior ao posterior dos novos Estatutos Universitários.

A literatura médica portuguesa se, em regra, era pobre e desvaliosa antes da Reforma, pobre e desvaliosa ficou depois dela.

O florescimento da Anatomia realizou-se, não em Coimbra, mas em Lisboa, com um barbeiro genial. E, como veremos, foi também no modesto Curso de Cirurgia de Lisboa que apareceu o maior dos nossos cirurgiões — António de Almeida.

Com certeza não foi a expulsão dos Jesuítas que fêz surgir essas duas nobres figuras da Medicina portuguesa. . .

O entusiasmo que Maximiano Lemos exprimiu pela promulgação da Reforma pombalina esfriou quando se pôs a contemplar os seus resultados. Os lentes, sem originalidade, passavam o tempo a discutir as idéias de Boerhaave, de Cullen, de Brown, de Broussais, de Bichat. . .

A anatomia portuguesa foi criada por Constandúcio, como já vimos. O seu ensino brilhante, o qual aliás não ficou documentado por qualquer obra de valia, frutificou amplamente em Lisboa e de lá derivou para Coimbra, onde,

no comêço do Século XIX, teve notável incremento, e para o Pôrto, onde tomou lugar preponderante, ao criar-se a Real Escola de Cirurgia. Dos progressos do ensino anatómico derivou a formação de eminentes cirurgiões, dos quais o mais notável foi António de Almeida, que publicou, em princípios do Século XIX, um *Tratado de Medicina Operatória*, que é a obra mais completa que, sôbre o assunto, tem visto a luz em Portugal.

Em Coimbra floresceram dois bons professores de Anatomia: José Correia Picanço, que tão alto lugar desempenhou depois, na organização do ensino médico brasileiro (1), e Francisco Soares Franco, que elaborou uns excelentes *Elementos de Anatomia*, que, durante largos anos, serviram de livro de texto para os estudantes de medicina de Coimbra, Lisboa, e Pôrto.

Enquanto que a Anatomia portuguesa se fundou, pode dizer-se, no Século XVIII, com a brilhante iniciativa de Constâncio, a Fisiologia experimental só em nossos dias é que tomou verdadeiro carácter científico.

No período que estou estudando, o ensino da fisiologia, meramente teórico, era feito por

(1) J. A. Pires de Lima — *loc. cit.*

Maximino Correia — Esbôço de História da Anatomia em Coimbra (*Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 1924).

livros estrangeiros, ou por compilações traduzidas em português.

Entre os vulgarizadores de obras médicas estrangeiras, sobressai Manuel Joaquim Henriques de Paiva, parente de Ribeiro Sanches, o qual publicou numerosos livros, que tiveram muita voga no seu tempo.

Deixou grande fama em Coimbra o professor de fisiologia Joaquim Navarro de Andrade, irmão de outro célebre professor, João de Campos Navarro, naturais de Guimarães.

Nas suas lições, Joaquim Navarro manifestava-se tão eloqüente, que lhe deram o nome de *Língua de prata*. Pêna é, diz um seu biógrafo, «que dêle pouco mais ficasse do que a memória dos seus talentos».

Como já disse, no reinado de D. Maria I, por instigações de Manuel Constâncio, numerosos dos seus discípulos obtiveram bôlsas de estudo, para irem aperfeiçoar-se a Inglaterra.

Dêste facto derivaram grandes progressos cirúrgicos para Portugal e o seu vasto império ultramarino.

Publicaram-se numerosas traduções de obras cirúrgicas estrangeiras (1), bem como alguns trabalhos originaes portugueses, entre os quais o notável *Tratado* de António de Almeida, que teve duas edições.

(1) *Maximiano Lemos — loc. cit.*

Esta obra é o reflexo do ensino de António de Almeida na Escola de Cirurgia de Lisboa, o qual, pela primeira vez, atingiu o nível das principais escolas europeias.

Em fins do Século XVIII notabilizou-se o oftalmologista Joaquim José de Santa Ana, que publicou os *Elementos de Cirurgia Ocular*, primeiro e valioso tratado de oftalmologia que se imprimiu no nosso País.

Além do oftalmologista J. J. de Santa Ana, outro grande especialista ilustrou Portugal neste século: foi o célebre dermatologista Bernardino António Gomes, que publicou o primeiro tratado português de doenças de pele (*Ensaio dermosográfico*).

Foi Bernardino António Gomes um dos médicos portugueses mais célebres do seu tempo e tomou parte importante na instituição da vacina anti-variólica (1). Também se ocupou da lepra, e, no Brasil, de várias doenças cutâneas exóticas. Esboçou o sábio dermatologista um grandioso plano, que infelizmente não foi, até hoje, realizado. Propôs Bernardino António Gomes que se fundassem hospitais especiais para leprosos e outras doenças de pele, em Lisboa, Pôrto e Coimbra. Ali se instalaria convenientemente o ensino especial da der-

(1) *Virgílio Machado* — O doutor Bernardino António Gomes — (1768-1823) — A sua vida e a sua obra.

matologia. Como estamos ainda longe de ver realizado o projecto de Bernardino António Gomes, exposto em 1821!

Os grandes progressos da cirurgia portuguesa de fins do Século XVIII ficaram registados em trabalhos dos portuenses José Bento Lopes, Sá Matos e Gomes de Lima.

A obstetrícia não acompanhou a cirurgia geral no seu movimento ascendente e, para o ensino desta cadeira, utilizavam-se traduções de obras estrangeiras. Havia parteiros hábeis, mas que nada produziram de original, a não ser algumas observações de teratologia.

A medicina interna também não acompanhou a cirurgia portuguesa nos seus evidentes progressos. Fazia-se o ensino da patologia médica por traduções de obras estrangeiras, devidas em grande parte ao já citado Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

Apareceram alguns estudos portugueses à-cêrca das febres, mas, em geral, tinham pouca originalidade.

Salientarei António de Almeida, que é preciso não confundir com o célebre cirurgião do mesmo nome. Êste era natural de Penafiel e colaborou largamente na célebre revista *Jornal de Coimbra*.

Também foram estudadas epidemias de febres no Brasil e em Angola por J. Pinto de Azevedo, Vieira de Carvalho, Oliveira Mendes, José Maria Bontempo, etc. O Professor co-

nimbricense José Francisco Tavares deixou uma opulenta bibliografia, na qual se ocupa de assuntos muito variados: hidrologia médica, farmacologia, aplicações da quina, tratamento da varíola, da gôta, etc.

Quanto à terapêutica, devo salientar que a criação do Jardim Botânico em Coimbra muito concorreu para o seu progresso.

A Botânica teve cultores de grande mérito neste período: Vandelli, o P. João de Loureiro, o Abade Correia da Serra e sobretudo Brotero. A criação do ensino da química na Universidade deu-nos dois farmacologistas de grande valor: Francisco Tavares e Bernardino António Gomes.

Francisco Tavares foi um célebre lente de Matéria médica, ao qual se devem estudos muito valiosos sobre as Águas minerais portuguesas, assim como um tratado de *Farmacologia*, que era o texto das suas lições.

Bernardino António Gomes fêz notáveis estudos sobre a flora médica brasileira (ipecacuanha, caneleira do Brasil, etc.). Estudou igualmente as quinas brasileiras e teve o grande mérito de isolar a cinchonina, princípio activo da quina. Esta descoberta immortalizou o nome de Bernardino António Gomes, que teve papel primacial na descoberta do tratamento das febres palustres. A Botânica médica, tanto exótica, como nacional, teve então muitos cultores, como já disse. Também se

dedicou à botânica médica e à hidrologia o farmacêutico bracarense Fr. Cristóvão dos Reis (*Reflexões experimentais metódico-botânicas*).

Devo citar igualmente Jerónimo Joaquim de Figueiredo, um dos lentes da Universidade assassinados por um grupo de estudantes em Condeixa, por motivos políticos.

Ao malgrado professor devemos uma valiosa *Flora farmacêutica e alimentar*, que ombreava com as melhores do mundo.

A medicina portuguesa teve então a sua época mais fecunda no estudo das plantas medicinais, assunto hoje, infelizmente, descuidado por completo. Não posso deixar de mencionar os nomes de outros cultores da história natural médica: Soares de Barros, José Manuel Chaves, Almeida Pimenta e Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

Êste último publicou um estudo original sobre a acção da *digitalis*, e o grande Bernardino António Gomes estudou ainda a acção da casca da Romãzeira no tratamento da ténia (1).

A maior parte destes trabalhos científicos, alguns dos quais são de alto mérito, foram

(1) A *Memória sobre a virtude tenífuga da Romãzeira, com observações zoológicas e zoonómicas relativas à ténia* foi traduzida em francês e, desde então, o medicamento descoberto pelo nosso ilustre compatriota começou a empregar-se em toda a parte.

publicados nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, recentemente fundada, e no *Jornal de Coimbra*.

Foi êste o período áureo da terapêutica em Portugal, em virtude dos numerosos trabalhos originaes sôbre farmacologia, assim como pelo estudo científico, que começou a fazer-se, das Águas minerais portuguesas. A obra mais notável sôbre tal assunto foi a intitulada *Instruções e cautelas práticas sôbre a natureza, diferentes espécies em geral, e uso legítimo das águas minerais*, do Professor conimbricense Francisco Tavares (1).

As nossas águas minerais foram também estudadas por Cristóvão dos Reis, Cunha Pessoa, Nunes Gago, Seixas Brandão, Bento de Melo, António de Almeida (de Penafiel), Rebêlo de Carvalho, etc.

Publicaram-se neste período numerosas memórias sôbre higiene, mas nenhuma atinge, nem de longe, o valor do *Tratado da conservação da saúde dos povos*, do grande Ribeiro Sanches.

Sôbre higiene também foram publicados numerosos trabalhos de vulgarização, entre os

(1) Pêna foi que tão cedo desaparecesse o impulso dado pela Reforma pombalina ao estudo da botânica médica, hoje tão descurado. A êsse propósito, veja-se: *J. A. Pires de Lima* — Os curandeiros e os seus êxitos (*Jornal do Médico*, I, 18 — Pôrto, 1941).

quais se destacam: os *Elementos de Higiene*, de Francisco de Melo Franco, que preconiza os banhos frios, o exercício físico, etc. O célebre médico àveirense José Pinheiro de Freitas Soares muito contribuiu para o desenvolvimento da prática da vacinação em Portugal. Publicou cinco memórias na Academia Real das Ciências, as quais tratam principalmente de assuntos de higiene. Entre elas destaca-se o *Tratado de polícia médica*, que apresenta um excelente plano de organização dos serviços sanitários.

Joaquim Xavier da Silva elaborou um *Breve tratado de higiene militar e naval* e, no fim do Século XVIII e princípios do Século XIX, apareceram numerosos *Avisos ao povo*, em que se apresentavam noções de medicina preventiva. Alguns desses avisos foram redigidos por Manuel Joaquim Henriques de Paiva, o erudito e fecundo escritor de quem já me ocupei no capítulo anterior.

Não esqueceram as regras de puericultura, e a propaganda da vacinação anti-variólica, a qual, por iniciativa da Academia Real das Ciências, foi muito intensa, de modo que depressa se generalizou no povo português a prática daquela vacinação.

A educação física e a puericultura são versadas no *Tratado da educação física dos meninos*, de Francisco de Melo Franco, e no *Tratado de educação física*, de Francisco José de Almeida.

À puericultura dedicaram também algumas memórias Freitas Soares, José Feliciano de Castilho, Almeida Pimenta e Moniz Barreto.

Nesta época também as Memórias da Academia Real das Ciências se ocuparam da higiene hospitalar, higiene naval, etc.

Publicaram-se também monografias locais: *Alpedrinha*, por Oliveira Rolão, *Punhete e Tomar*, por Francisco Inácio dos Santos Cruz, e *Pôrto (Ano Médico de José Bento Lopes)*. Nesta última obra registam-se as primeiras observações meteorológicas feitas em Portugal.

Já disse que foi intensíssima a propaganda para a instituição da vacina anti-variólica. Pode ver-se na *História da Medicina em Portugal* de Maximiano Lemos⁽¹⁾ a extensa bibliografia do assunto.

A genial descoberta de Jenner, mal foi conhecida, ao terminar o Século XVIII, teve imediatamente larga aplicação no nosso País.

Para isso muito concorreu o célebre Bernardino António Gomes, fundando, anexa à Academia das Ciências de Lisboa, a *Instituição vacínica*.

É curioso referir que, no Pôrto, a grande descoberta de Jenner se divulgou, graças às

(1) *Maximiano Lemos*—História da Medicina em Portugal—Doutrinas e Instituições—II—Lisboa, 1899.

diligências de uma nobre senhora, D. Maria Isabel Wanzeller, que, em três anos, vacinou mais de cinco mil crianças.

Da profusão de trabalhos publicados acêrca da medicina preventiva resultou certamente a organização sanitária oficial, donde emanaram várias leis muito sensatas a respeito da saúde pública.

Em 1813 criava-se em Portugal a *Junta de Saúde*, que precedeu a fundação de órgãos similares em outros países. Na instalação dos serviços sanitários notabilizou-se o célebre Intendente Pina Manique (1).

Foi muito efêmera a vida das sociedades científicas e das revistas médicas fundadas no Pôrto por Gomes de Lima Bezerra.

Foi em Lisboa que, mais tarde, se fundaram notáveis agremiações, que prestaram inestimáveis serviços.

A mais importante foi a *Academia Real das Ciências*, fundada em 1799 pelo Duque de Lafões D. João de Bragança, tio da Rainha D. Maria I, inspirado pelo célebre naturalista Abade Correia da Serra.

Já vimos qual foi o intenso labor da Academia nos primeiros tempos da sua vida. Pêna foi que tal actividade não se mantivesse

(1) *Silva Carvalho* — Pina Manique — O ditador sanitário (*Arq. de Medicina Legal*, VIII — Lisboa, 1935).

com o mesmo vigor, durante os cento e cinquenta anos que já conta de existência . . .

Pode dizer-se, afirma com razão Maximiano Lemos, « que a Academia Real das Ciências, no princípio dêste século (XIX), centralizou tôda a actividade científica do País ».

Em 1822, fundou-se em Lisboa a *Sociedade das Ciências Médicas*, cuja vida se prolonga por mais de cem anos, com períodos de esplendor e outros de manifesta decadência, como o actual.

A imprensa médica e científica instalaram-se definitivamente em Portugal neste período.

Além das *Memórias da Academia Real das Ciências*, que arquivaram tantos e tão valiosos trabalhos sôbre ciências médicas, deve citar-se o *Jornal Enciclopédico*, colaborado por Henriques de Paiva, António de Almeida (de Penafiel), José Manuel Chaves, Gomes de Lima, Manuel José Leitão, Sá Matos e tantos outros; o *Jornal de Coimbra*, cuja vasta colecção insere numerosíssimas *contas clínicas*, algumas delas tão valiosas (José Feliciano de Castilho, Bernardino António Gomes, António de Almeida, de Penafiel, etc.); os *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, colaborado por uma sociedade de portugueses residentes em Paris, entre êles Francisco Solano Constâncio, filho do célebre

Manuel Constâncio; o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, etc.

A moda das Academias também chegou ao Brasil no Século XVIII.

Silva Carvalho (1) ocupou-se das sociedades científicas brasileiras naquele século.

(1) *Silva Carvalho*, As Academias Científicas do Brasil no século XVIII (*Academia das Ciências de Lisboa — Memórias-Classe de Ciências*, II — 1939).

Depois da criação das Régias Escolas

A descentralização que derivou da fundação das Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e do Pôrto foi sobremodo útil para os progressos das ciências médicas em Portugal.

Foi a 10 de Setembro de 1825 que, a instâncias do Cirurgião-mór do Reino Teodoro Ferreira de Aguiar, D. João VI fundou as Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e Pôrto.

Como disse, desde o Século xvi que funcionava no Hospital de Todos-os-Santos um Curso de Cirurgia, que teve mestres como Guevara, Santucci, Manuel Constâncio e António de Almeida.

A Santa Casa da Misericórdia do Pôrto mantinha também no seu Hospital um modestíssimo Curso de Cirurgia, de onde derivou a Régia Escola (1).

(1) *Maximiano Lemos* — História do ensino médico no Pôrto — Pôrto, 1925.

Hernâni Monteiro — Origens da cirurgia portuense — Pôrto, 1925.

Idem — Suplemento à Hist. do ensino médico no Pôrto — Pôrto, 1925.

A obra de D. João VI, manifestou-se principalmente no Pôrto, onde, por assim dizer, nada havia.

Por isso, esboçarei primeiramente a maneira como se implantou e desenvolveu em cem anos o ensino médico nesta cidade.

Sobressaíram de princípio dois notáveis dissectores, Vicente José de Carvalho (1), discípulo do Curso de Cirurgia de Lisboa, e Bernardo Joaquim Pinto.

Foram êles quem fundou o Museu de Anatomia da Escola do Pôrto, que, após a sua morte, entrou em decadência.

Criou-se depois o notável cirurgião António Bernardino de Almeida, ao qual sucedeu Eduardo Pimenta, vulgarizador da arte operatória no Norte de Portugal; e a cirurgia intraperitoneal, tornada possível após as geniais descobertas de Pasteur, veio a ser iniciada por Azevedo Maia (2), Júlio Franchini (3) e Sousa Oliveira (4).

(1) *J. A. Pires de Lima* — O ensino da Anatomia cirúrgica na Escola do Pôrto (*Anuário da Escola Médica Cirúrgica do Pôrto*, IV, 1910).

(2) *Idem* — Prof. Azevedo Maia, (*Gaz. dos Hospitais do Pôrto*, VI, 1912).

(3) Homenagem ao Cirurgião Júlio Franchini, promovida pelos seus colegas, admiradores e antigos discípulos — Pôrto, 1928

Hernâni Monteiro — Origens da Cirurgia Portuguesa, cit.

(4) *J. A. Pires de Lima* — Sousa Oliveira (*Gaz. dos Hospitais do Pôrto*, VII, 1913).

Orgulha-se a Escola do Pôrto de ter tido no número dos seus mestres a figura insigne de Júlio Dinís e não devemos esquecer que o glorioso Camilo Castelo Branco se sentou nas bancadas dos alunos da Escola Médica do Pôrto.

Ao lado do seu Museu anatómico, teve, desde o seu início, a Escola do Pôrto uma Biblioteca, iniciada com a incorporação de muitos volumes que pertenceram aos extintos conventos. Essa Biblioteca, muito desenvolvida a partir de 1910, possui uma colecção riquíssima de clássicos médicos portugueses (1).

Múltiplas reformas têm feito progredir lentamente, tanto as clínicas como os laboratórios da antiga Escola do Pôrto, que, a partir da Reforma de Passos Manuel, em 1836, viu aumentar o número das cadeiras, passando a denominar-se, como a de Lisboa, Escola Médico-Cirúrgica. Essa reforma acabou com a distinção entre médicos e cirurgiões.

Um decreto de João Franco dava ao ensino superior uma certa autonomia (1907) e estabelecia algumas bôlsas de estudo no es-

(1) *J. A. Pires de Lima* — Catálogo da Biblioteca da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, 1910.

Idem — Evolução da Biblioteca (*Pôrto Académico*, III, 1925).

Idem — Biblioteca (*Anuário da Faculdade de Medicina do Pôrto*, XIV, 1928).

trangeiro, princípio que, mais tarde, teve grande desenvolvimento com a criação da Junta de Educação Nacional (1929 — Gustavo Cordeiro Ramos), hoje denominada Instituto para a Alta Cultura.

Em 1904 as Escolas Superiores foram enriquecidas com auxiliares de professores (chefes de clínica, preparadores, prosectores).

As providências legislativas de 1904 e 1907 muito influíram na grande Reforma de 1911, que veio fixar e desenvolver os seus princípios salutarés. Graças a essa reforma, pôde a Escola do Pôrto, transformada então em Faculdade, chamar para o ensino as figuras prestigiosas do psiquiatra Júlio de Matos e do neurologista Magalhães Lemos.

Em 1918, outra reforma do ensino, da qual derivou a criação dos Institutos de Anatomia e de Histologia do Pôrto, onde começou a produzir-se, com certa largueza, a investigação científica.

Nos primeiros anos da sua existência, teve a Escola do Pôrto de lutar com grandes dificuldades, devidas à mesquinhez da sua organização, relativamente à de Lisboa, às lutas políticas, às dificuldades levantadas pela Misericórdia do Pôrto, que nunca viu com bons olhos uma instituição do Estado instalada num Hospital seu . . .

Apesar das dificuldades em que sempre viveu a Escola do Pôrto, por ela passaram

professores notáveis, entre os quais citarei: o grande escritor Júlio Dinis, os anatómicos Vicente José de Carvalho (1) e Bernardo Joaquim Pinto, os cirurgiões António Bernardino de Almeida, Eduardo Pimenta e Azevedo Maia, os clínicos Pereira Reis, Gramaxo, Roberto Frias (2), Moraes Caldas e Tiago de Almeida (3), os parteiros Vicente José de Carvalho, Câmara Sínval e Maia Mendes, o oftalmologista Plácido da Costa, inventor do queratoscópio, os médico-legistas Maximiano Lemos

(1) *J. A. Pires de Lima* — O Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto (de colab. com *H. Monteiro*), 1925.

Idem — I Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto (*Brotéria*, 1925).

Idem — Instituto de Anatomia (*Anuário da Faculdade de Medicina do Pôrto*, XIV, 1928).

Idem — L'Institut d'Anatomie de la Faculté de Médecine de Pôrto (*Methods and Problems of Medical Education — The Rockefeller Foundation*, XVI — New-York, 1930).

Idem — Na infância da investigação científica (*Pátria* — Gaia, 1931).

Idem — Discurso de recepção aos membros do XV Cong. Intern. de Antropologia (*Trab. da Soc. port. de Antropol. e Etnologia*, V, 1931).

Idem — L'Anthropologie en Portugal (*Zeitschrift fuer Rassenkunde*, VII, 1938).

(2) *Idem* — Prof. Roberto Frias (*Bol. da Ass. Médica Lusitana* — Pôrto, 1918).

(3) *Idem* — Prof. Tiago de Almeida 1864-1936 (*Clínica, Higiene e Hidrologia*, II — Lisboa, 1936).

e João de Meira, o dermatologista Luís Viegas (1), o pediatra Dias de Almeida, o psiquiatra Júlio de Matos, o neurologista Magalhães Lemos, os higienistas Francisco de Assís e Sousa Vaz, Furtado Galvão, Macedo Pinto, Lopes Martins e Ricardo Jorge, o maior dos higienistas portugueses (2), o bacteriologista Sousa Júnior, o mais notável dos historiadores da Medicina portuguesa Maximiano Lemos (3). À história da medicina também se dedicaram com êxito: Ricardo Jorge, Aires de Gouveia, Pedro Dias, Carlos Lopes e João de Meira (4).

Foram alunos da Escola Médica do Pôrto o genial escritor Camilo Castelo Branco, o

(1) *J. A. Pires de Lima* — Elogio do Prof. Luís Viegas (*Ilustração Moderna* — Pôrto 1928).

(2) *Maximiano Lemos* — A obra científica de Ricardo Jorge — Pôrto, 1905.

Egas Moniz — Ricardo Jorge (*Lisboa Médica*, XVI, 1939).

J. A. Pires de Lima — O regresso de Ricardo Jorge (*Bazar das Ciências, das Letras e das Artes*, VI, 36 — Suplemento literário de «A Voz» — Lisboa, 1939).

(3) *Alberto Saavedra* — O Professor Maximiano Lemos (*Medicina Moderna*, 1923).

(4) *J. A. Pires de Lima* — João Monteiro de Meira (*Ecos de Guimarães*, 1918).

Idem — João de Meira (Guimarães — O Labor da Grei, 1928).

Idem — Professor João de Meira (*Jornal do Médico* — Pôrto, 15-XI-41).

célebre etnologista Leite de Vasconcelos (1), e o ilustre cultor da patologia exótica, actual director da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa Froilano de Melo, professor livre da Faculdade do Pôrto, onde já regeu um curso brilhante de Microbiologia.

São também filhos da Faculdade de Medicina do Pôrto os mais notáveis antropologistas portugueses: Mendes Correia, da Faculdade de Ciências do Pôrto, e Germano Correia, da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa.

O célebre neurologista alemão Oskar Vogt, depois de uma série de conferências que fêz na Faculdade de Medicina do Pôrto, foi nomeado seu professor honorário.

Também devo mencionar que o grande químico Ferreira da Silva, durante algum tempo, ilustrou a Escola de Farmácia do Pôrto, quando ela estava anexa à Faculdade de Medicina, e que o grande mestre da química portuguesa aqui deixou o maior dos seus discípulos, o Professor Alberto de Aguiar.

O malogrado Professor José Maria de Oliveira, no seu pobre laboratório, tentou aqui alguns trabalhos de investigação farmacológica.

(1) *J. A. Pires de Lima* — Doutor José Leite de Vasconcelos (*Jornal do Médico* — Pôrto, 1941, N.º 13)

A imprensa médica portuguesa teve, sempre, representação no Pôrto. Entre os jornalistas médicos portuenses deverei citar o Professor João Ferreira da Silva Oliveira, fundador da primeira *Gazeta Médica do Pôrto*.

Apesar do valor dos seus mestres, a Escola do Pôrto viveu até há pouco em mesquinhas instalações. Foi a iniciativa rasgada do seu Professor, o Ministro Alfredo de Magalhães, que tornou possível a ampliação do edifício da Faculdade e a construção do opulento edifício da Maternidade de Júlio Dinís, monumento erigido em homenagem ao grande escritor, para celebrar o centenário da fundação da Régia Escola, predecessora da actual Faculdade de Medicina.

Vários legados (Assis Vaz, Nobre, etc.) têm auxiliado a Faculdade de Medicina do Pôrto na sua augusta missão.

Foram os Professores Ricardo Jorge e Plácido da Costa quem fêz os primeiros ensaios de fisiologia experimental e de microscopia no Pôrto.

Mas êsses trabalhos foram extremamente rudimentares. Só mais tarde Sousa Júnior trabalhou com certa largueza na bacteriologia e Abel Salazar, depois da Reforma de 1911, praticou a investigação histológica, com muito fruto.

Muito mais recentemente, o Prof. Afonso Guimarães foi o verdadeiro iniciador do ensino da fisiologia experimental.

É justo dizer também que o Prof. Amândio Tavares desenvolveu como nunca o laboratório e o Museu da Anatomia patológica, que o Professor Hernani Monteiro criou uma verdadeira escola de cirurgia experimental e que o Professor Luís de Pina instalou o excelente Museu de Maximiano Lemos, de História da Medicina.

Mas tenho de ser muito sucinto na exposição da obra dêstes Mestres.

A história verdadeiramente imparcial só poderá escrever-se depois que a magestade da morte faça realçar as obras pelo desaparecimento dos seus autores.

Vejamos agora como a Reforma de D. João VI e as suas sucessoras fizeram florescer a medicina lisbonense.

Se, neste período, na cidade de Pôrto muito se desenvolveram as ciências médicas, é forçoso confessar que Lisboa deu maior brilho à medicina portuguesa.

Ali professou o maior anatómico português, José António Serrano, a quem se deve o monumental *Tratado de Osteologia humana* (1895-1897). Antes dele floresceram Manuel Bento de Sousa e Tomás de Carvalho.

A instâncias da Rainha D. Amélia foi fundado o *Real Instituto Bacteriológico, de Câmara Pestana*, onde se começou a trabalhar metódicamente na investigação científica (Carlos França, Aníbal Bettencourt, Nicolau Betten-

court). Também por instâncias da Rainha se criou a *Assistência Nacional aos Tuberculosos*.

Depois da promulgação do célebre decreto de João Franco, ali foi recrutar a Escola Médica de Lisboa alguns dos seus mais brilhantes professores.

Fundou-se a Escola de Medicina Tropical (Aires Kopke), o Instituto Central de Higiene (Ricardo Jorge) e o *Instituto de Virgílio Machado* (fisioterapia).

Criou-se o *Instituto de Medicina Legal*, onde esta cadeira tem tido valiosos cultores (Silva Amado, Azevedo Neves). Fundou-se a *Maternidade de Alfredo Costa*, onde a obstetrícia e a ginecologia têm sido muito cultivadas (Alfredo Costa, Augusto Monjardino, Costa Sacadura). Em 1830 fundou-se a Escola de Medicina Veterinária, que últimamente tem tido grande desenvolvimento. Fundou-se o *Instituto Português de Oncologia*, centro importante de estudos experimentais sôbre o cancro (Francisco Gentil). Organizaram-se belos Institutos de Investigação Científica na Faculdade: *Anatomia* — Henrique de Vilhena, fundador da bela revista *Arquivo de Anatomia e Antropologia*; *Fisiologia* — Mark Athias; *Histologia* — Celestino da Costa, de nome tão largamente divulgado no estrangeiro; *Farmacologia* — Sílvio Rebêlo; *Anatomia patológica* — Enrico Franco e o malogrado Simões Raposo, que tanto trabalhou na Junta de Educação

Nacional; *Dermatologia e Sifiligrafia* — Zeferino Falcão e Melo Breyner; *Oftalmologia* — Gama Pinto; *Psiquiatria* — Bombarda e Sobral Cid.

Êste período brilhante da Medicina portuguesa foi precedido ou acompanhado por grandes progressos nas ciências naturais: Na Geologia citarei os nomes gloriosos de Choffat, Carlos Ribeiro e Nery Delgado; na Zoologia Bocage, Paulino de Oliveira e Augusto Nobre; e na Botânica Júlio Henriques, Gonçalo Sampaio e Xavier Coutinho.

Nas numerosas publicações comemorativas da celebração do I centenário da fundação das Reais Escolas de Cirurgia de Lisboa e Pôrto (1925) pode ler-se, com todo o desenvolvimento, quais foram durante um século os progressos da Medicina em Portugal.

Pela minha parte, dada a índole dêste livrinho, apenas me cumpre salientar os factos principais.

Quanto a higiene internacional, estabeleceram-se convenções diversas, em que tomaram parte Bernardino António Gomes, filho, Sousa Martins, Silva Amado, e principalmente Ricardo Jorge, que muito honrou Portugal nas sessões do *Office International d'Hygiene*, de que fêz parte durante muitos anos.

Em 1876, sob a direcção de Sousa Martins, publicava-se a *Farmacopeia portuguesa*, que vigorou durante muito tempo.



Neste período, floresceram ainda, entre outros, os seguintes médicos: Manuel Carlos Teixeira, discípulo de Constâncio e mestre de Vicente José de Carvalho, primeiro professor de Anatomia da Escola do Pôrto; Francisco Solano Constâncio, filho de Manuel Constâncio, que fêz no estrangeiro quasi tôda a sua carreira científica e literária; o higienista Santos Cruz; o cirurgião Lourenço da Cruz; os clínicos Francisco António Barral, António Maria Barbosa, Abel Jordão, Magalhães Coutinho e Curry Cabral; o parteiro Rocha Mazarem; o grande professor de clínica médica e notável humanista Lima Leitão; o higienista e clínico Bernardino António Gomes, filho do célebre farmacologista do mesmo nome; o cardiologista Alvarenga; o médico militar José António Marques; Sousa Martins, o médico português mais célebre do seu tempo; o notável anatómico e humanista Manuel Bento de Sousa; os cirurgiões Custódio Cabeça, Sabinho Coelho, Oliveira Feijão e Alves Branco, introdutores da ginecologia moderna em Lisboa; Câmara Pestana, pioneiro da bacteriologia, vítima da peste, que contraíra no Pôrto, por ocasião da epidemia de 1898.

No Pôrto, os trabalhos de bacteriologia começaram com tôda a actividade por ocasião daquela epidemia (Sousa Júnior) e os de histologia apareceram com Abel Salazar, quando se fundou o Instituto de Histologia. Apesar

disso, muitos anos antes, Plácido da Costa e Ricardo Jorge tinham realizado ensaios de microscopia. Da mesma forma, Câmara Pestana e os seus discípulos, que tanto brilho deram à ciência bacteriológica, tiveram um precursor em May Figueira, que realizou, muito antes, ensaios de microbiologia. Publicaram-se diversas revistas médicas em Lisboa, entre as quais avulta a «Medicina Contemporânea» (M. Bombarda) (1).

Em Coimbra, na velha Universidade, não esmoreceram a actividade científica e docente no campo da Medicina.

No meado do século XIX surgiu ali Costa Simões, que, logo nos alvares da Anatomia microscópica, iniciou em Coimbra, com certa largueza, trabalhos de Histologia, que, cinquenta anos depois, foram continuados com muito brilho por Geraldino Brites, fundador do Instituto de Histologia e Embriologia e das «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigen-sis», revista que, a par do «Arquivo de Anatomia e Antropologia» do Professor Henrique de Vilhena, tem coligido a maior parte da produção científica dos institutos anatómicos das três universidades portuguesas.

(1) Sôbre o jornalismo médico V. a obra já citada: *Alfredo Luís Lopes* — O jornalismo médico português. Resenha bibliográfica (Rev. Portug. de Med. e Cirurgia práticas, 1896-1897).

Não se limitou Costa Simões a inaugurar em bases científicas a investigação microscópica e os estudos de fisiologia. A sua actividade manifestou-se igualmente na organização hospitalar da Universidade de Coimbra, para a qual também muito concorreram mais tarde os Professores Costa Alemão e Bissaia Barreto.

Já falei, no capítulo anterior, no «Jornal de Coimbra», que tanto se salientou, no começo do século passado, na imprensa científica portuguesa. Um pouco mais tarde, fundou-se em Coimbra a sociedade científica e literária *O Instituto*, cuja revista, do mesmo nome, já publicou mais de cem volumes.

Neste período convém citar os nomes de muitos professores que honraram a Universidade de Coimbra. Pode ver-se uma lista desenvolvida nas actas do Congresso de História da Actividade Científica portuguesa (Coimbra 1940) (1).

Citarei apenas os que se me afiguram mais notáveis. No ensino da Anatomia, que, no começo do século passado atingiu grande desenvolvimento com o já citado Soares Franco, destacaram-se Picanço, Navarro de Andrade,

(1) *Fernando da Silva Correia* — Subsídios para a história da actividade científica da Faculdade de Medicina de Coimbra (*Congresso de História da Actividade Científica Portuguesa* — Coimbra, 1940).

Basílio Freire e Maximino Correia; na medicina interna Augusto Rocha e João Pôrto, na cirurgia Daniel de Matos e Sousa Refoios, na Medicina legal Lopes Vieira e Almeida Ribeiro, na História da Medicina Vieira de Meireles e Alberto Pessoa, na Anatomia patológica o fundador do respectivo Museu, Carlos Pinheiro, e na higiene Filipe Simões.

Nas ciências auxiliares da medicina citarei o zoólogo Paulino de Oliveira e os botânicos Vandelli, Brotero, já do período anterior, e Júlio Henriques.

Com a criação das Régias Escolas de Cirurgia teve a arte cirúrgica grande desenvolvimento em Portugal. Entre os cirurgiões de grande fama que exerceram fora dos centros de ensino, devo citar os notáveis operadores, filhos da Escola do Pôrto, Alves Passos, de Braga, e Melo Ferrari, de Viseu.

Antes da fundação das Régias Escolas havia em Portugal várias escolas de cirurgia rudimentares, como a do Hospital Militar de Chaves, a do Colégio dos Órfãos em Braga (1), etc.

Como nos períodos anteriores, grandes cientistas portugueses exerceram no estrangeiro a sua actividade. Citarei entre êles, o portuense Giraldes, que fêz parte do corpo

(1) J. A. Pires de Lima — O «Charneca», (*Arq. de História da Medicina Portuguesa*, XIII, 1925).

docente da Faculdade de Medicina de Paris, onde realizou importantes estudos sobre embriologia do aparelho genital masculino (descoberta do corpo inominado de Giraldes). Um século depois, também em Paris, Raúl Ben-saúde adquiriu grande reputação na clínica gastro-enterológica; o famoso Padre Faria, considerado como inventor de hipnotismo (1); Jacob Rodrigues Pereira, que tanto se destacou em França, como iniciador da educação dos surdos-mudos; e o jesuíta P. João de Loureiro, que estudou a flora da Cochinchina.

Mais recentemente, muito honraram também o nome português no estrangeiro: Ricardo Jorge, (Higiene), Egas Moniz e Reinaldo Santos (novos processos para observar as artérias no homem vivo), Celestino da Costa (Histologia) e Froilano de Melo (microbiologia tropical).

Para terminar êste capítulo, vou referir-me à evolução da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa durante os seus cem anos de existência (2).

Datam de tempos remotos as primeiras tentativas de instalação do ensino médico na Índia.

(1) *Egas Moniz* — O Padre Faria na História do Hipnotismo — Lisboa, 1925.

(2) *Froilano de Melo* — O 1.º Centenário da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa (*Portugal Médico*, XXVII, Julho, 1943).

dia; mas só em 1842 é que se fundou a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, que, por iniciativa de Rodrigues Moacho, surgiu antes das escolas profissionais das colónias inglesas e francesas.

Não permite a índole dêste livrinho dar grande desenvolvimento à história da nossa escola de medicina colonial; por isso apenas destacarei os factos culminantes.

Naquela escola fizeram a sua educação, durante um século, cêrca de 700 médicos, 300 farmacêuticos, 200 enfermeiros e 100 parteiras.

Nos primeiros tempos da sua existência, a Escola tratava apenas de educar profissionais da medicina, para exercer clínica na Índia e nas nossas possessões africanas.

Recentemente, sob o impulso de Froilano de Melo, começou em Nova Goa intensa actividade científica, em investigações de parasitologia e patologia exótica.

São notáveis os estudos indo-portugueses sobre as febres tifóides da Índia, sobre a cólera, sobre a lepra e outras doenças epidémicas.

Sob a direcção de Froilano de Melo, têm-se feito em Nova Goa importantes investigações protozoológicas, descobrindo-se dezenas de espécies novas para a Ciência.

São particularmente notáveis os estudos clínicos, epidemiológicos e entomológicos sobre as febres palustres indianas.

A instâncias do mesmo sábio professor, tornou-se a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa um centro de estudos micológicos, que muito se salienta em tôda a península indústânica.

Os estudos da Índia derivaram para o Continente português, onde, na Faculdade de Medicina do Pôrto, Froilano de Melo, em 1921, regeu um proveitoso curso de micologia e protozoologia médicas.

A antropologia e a anatomia têm sido últimamente cultivadas com êxito por Germano Correia, Constâncio Mascarenhas, Costa Pegado e Pacheco de Figueiredo.

Na clínica salientou-se o Professor Volfango da Silva, antigo director da Escola.

Na imprensa médica da Índia Portuguesa, destacam-se os *Arquivos da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, que se publicam desde 1927.

VII

Conclusão

Não pode orgulhar-se Portugal de ter gerado qualquer dos vultos primaciais da medicina moderna.

Nem Vesálio, nem Paracelso, nem Ambroise Paré, nem Harvey, nem Galvani, nem Claude Bernard, nem Pasteur, nem Roentgen, nem Curie viram a luz da nossa terra.

Foi outra a vocação de Portugal, foi outro e bem grandioso o nosso papel na História Universal. Mas devemos proclamar bem alto que a humanidade muito deve ao nosso País, mesmo no campo das Ciências médicas.

Com justiça, disse Garcia de Orta nos « Colóquios »: « Sabe-se mais agora em um dia pelos Portugueses, do que se sabia em cem anos pelos Romanos ».

Camões teria presente na memória a frase do seu amigo quando escreveu em estilo altissonante:

« Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;

Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta».

Foram prodigiosas as conseqüências das descobertas. Delas derivou um novo capítulo da Medicina — a patologia exótica.

Foram os nossos antepassados quem primeiro descreveu a cólera, a febre amarela, o escorbuto, a rectite epidémica, à qual médicos portugueses, em Angola e no Brasil, deram o nome de *mal do bicho*.

Os navegantes que acompanharam Colombo trouxeram da América ou fizeram espalhar pela Europa uma grande praga — a sífilis.

Criou-se em Lisboa a primeira clínica especial de sifilografia, chamando-se para o tratamento da doença Dias de Ysla, médico dos marinheiros colombinos.

As descobertas geográficas de Portugueses e Espanhóis alargaram o âmbito da patologia, com tantas espécies mórbidas novas.

Para acudir à expansão das doenças, fundou-se em Lisboa o Hospital de Todos-os-Santos, que era, ao tempo, o mais importante do mundo inteiro.

Fomos os primeiros a estudar a flora riquíssima da Índia, como afirmou Camões na

sua Ode XI, publicada pela primeira vez nos « Colóquios » de Garcia do Orta :

«.
 Favoreci a antiga
 Ciência que já Aquiles estimou;
 Olhai que vos obriga
 O ver que, em vosso tempo, rebentou
 O fruto daquela Orta onde florecem
 Plantas novas, que os doutos não conhecem.
 Olhai que, em vossos anos,
 Uma Orta produz vârias ervas
 Nos campos Indianos,
 As quais aquelas doutas e protervas
 Medeia e Circe nunca conheceram,
 Pôsto-que a lei da Mágica excederam.
 E vêde carregado
 De anos, letras e vâria experiência
 Um velho que, ensinado
 Das Gaugéticas Musas na ciência
 Prodalíria subtil e arte silvestre,
 Vence o velho Chiron, de Aquiles mestre;
 O qual está pedindo
 Vosso favor e amparo ao grão volume
 Que, impresso à luz saindo,
 Dará da Medicina um vivo lume,
 E descobrir-nos-á segredos certos,
 A todos os Antigos encobertos.
 Assim que não podeis
 Negar a que vos pede benigna aura.
 Que, se muito valeis
 Na sanguinosa guerra Turca e Maura,
 Ajudai quem ajuda contra a Morte;
 E sereis semelhante ao Grego forte.»

Julguei de meu dever dar a êste livrinho
 uma orientação patriótica, nacionalista.

Procurei isentar-me de paixões políticas e filosóficas; não admiro excessivamente a obra do Marquês de Pombal, nem a revolução demo-liberal.

Não entro no côro de lamentações pela sorte dos Judeus, nem enfileirei no grupo dos inimigos dos Jesuítas.

Procurei ser imparcial, exaltando as glórias nacionais, onde quer que as encontrasse, dentro ou fora do país, dentro ou fora de qualquer partido político, ou de qualquer confissão religiosa.

Neste esbôço tentei, numa vista de conjunto, em breve síntese, dar idéia das origens da medicina portuguesa e da sua evolução, desde a Idade Média, com a criação da Universidade dionisiana; através da Renascença, iniciada pelo sonho do Infante D. Henrique, uma das figuras primaciais da história do mundo; lembrei o seu contemporâneo Vallesco de Taranta, que honrou o nome português numa universidade estrangeira; através do fulgurante Século XVI, em que floresceram Garcia de Orta, pioneiro da Medicina tropical, Rodrigo de Castro, criador da Ginecologia, Amato Lusitano, um dos médicos mais célebres do seu tempo, Pedro Nunes, o maior sábio das Espanhas; do mais notável médico português do século seguinte — Zacuto Lusitano; do maior dos filósofos portugueses Francisco Sanches; do declínio da ciência e

prática médicas, com a absorção castelhana; do ressurgimento nacional com a dinastia de Bragança; dos progressos do Século XVIII: Anatomia e Cirurgia (Manuel Constâncio e António de Almeida); o desenvolvimento dos estudos da Matéria médica, derivado da Reforma pombalina (Bernardino António Gomes); o advento da higiene moderna (Ribeiro Sanches); da fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa; o florescimento das ciências médicas nos Séculos XIX e XX: Anatomia (José António Serrano); Histologia (Geraldino Brites, Celestino da Costa, Abel Salazar); Fisiologia (Mark Athias); Farmacologia (Sílvio Rebêlo); Medicina interna (Sousa Martins); Higiene (Ricardo Jorge); e tantos ilustres cirurgiões. Citei os nomes de alguns sábios contemporâneos, de projecção internacional: Ricardo Jorge, Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾, Egas Moniz, Celestino da Costa, Froilano de Melo. *o Filho de - me 18*

Resumidamente falei das diversas leis e reformas do ensino médico e do papel que nelas tiveram os nossos governantes: os Reis D. Dinís, D. João II, D. Manuel I, D. João III, D. João V, D. Maria I, D. João VI, e as di-

(1) *J. A. Pires de Lima* — Doutor José Leite de Vasconcelos (*Jornal do Médico* — Pôrto. 1-VI-41).

taduras do Marquês de Pombal e Passos Manuel, de João Franco, de António José de Almeida (governo provisório da República), de Sidónio Pais e de Salazar.

Precisamos de preparar o futuro, olhando para o passado.

Os Portugueses de hoje possuem o mesmo carácter dos antigos. É preciso orientá-los. As nossas caravelas, pilotadas pelos rapazes, animados outrora pelo Infante D. Henrique e pelo sábio Pedro Nunes, descobriram meio mundo.

Se os descendentes dos Navegadores entrassem para os laboratórios com a mesma ânsia de descobrir, quanto ficaria a Ciência a dever aos Portugueses! . . .

É relativamente modesta a contribuição portuguesa para os progressos da medicina.

Ela não deve a Portugal nada que se pareça com os progressos derivados da actividade científica de Alemães, Franceses, Ingleses e Italianos.

Será por ser Portugal um país pequeno? Não era maior no tempo da dinastia de Avis. O mesmo povo voltaria a fazer grandes coisas no campo da ciência, se as suas universidades fôsem providas de bons e numerosos laboratórios, onde a mocidade culta, bem orientada, tivesse os necessários instrumentos de trabalho.

Ressurja a *Inclita Geração!*

Ao findar a guerra, compete ao Instituto para a Alta Cultura chamar aos laboratórios a Mocidade Portuguesa.

Pacificada a Europa, devia o Instituto para a Alta Cultura estar habilitado a mandar estudar nos melhores laboratórios do estrangeiro algumas centenas de moços, que seriam encarregados de fomentar o progresso da ciência portuguesa.

Já se divisam sinais de que o Estado pensa em chamar-nos à categoria que tínhamos no tempo de Garcia de Orta e de Pedro Nunes: planeia-se a construção da Cidade Universitária de Coimbra, dos hospitais universitários de Lisboa e do Pôrto, fala-se na organização do Jardim botânico da Universidade do Pôrto . . .

Como nos gloriosos tempos de antanho, precisamos que surja um poeta que nos exorte, não à guerra, como Gil Vicente, mas aos trabalhos pacíficos dos laboratórios.

Para galvanizar a alma portuguesa, ainda não foram escritos versos tão vibrantes como os da *Exortação* de Gil Vicente. Com êles finalizo o meu trabalho :

.
 Oh famoso Portugal,
 Conhece teu bem profundo,
 Pois até ó pólo segundo
 Chega o teu poder real.

Avante, avante, Senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceo vos favorece:
El Rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores.
Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que he gastar sem prestar.
Alabardas, alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genoeses
Senão muito Portugueses,
E morar em casas pardas.»

.

ÀVANTE, ÀVANTE, SENHORES!

ÍNDICE ONOMASTICO

A

- Abade Correia da Serra — 82, 87
Abel Jordão — 102
Abel Salazar — 98, 102, 113
A. de Esaguy — 40, 67
A. Gersão Ventura — 40
Afonso Guimarães — 98
Aires de Gouveia — 7, 96
Aires Kopke — 100
Alarico II — 14
Alberto de Aguiar — 97
Alberto Pessoa — 7, 105
Alberto Saavedra — 96
Albino — 59
Albuquerque — 28, 39
Aleixo de Abreu — 50, 51
Alexandre — 109
Alfredo Costa — 100
Alfredo de Magalhães — 98
Alfredo Luís Lopes — 7, 52, 71, 103
Almeida Pimenta — 83, 86
Almeida Ribeiro — 105
Álvares Ribeiro — 31
Alvarenga — 102
Alves Branco — 102
Alves Passos — 105
Amândio Tavares — 99
Amaral Castelbranco — 57

- Amaro da Fonseca — 49
Amato Lusitano — 28, 41, 42, 43, 46, 48,
52, 112
Ambrósio Nunes — 45, 48, 49, 53
Américo Pires de Lima — 36, 60
André A. de Castro — 51
Aníbal Bettencourt — 99
António A. Pires de Lima — 49, 53
António Bernardino de Almeida — 92, 95
António de Almeida — 55, 77, 78, 79, 80,
91, 113
António de Almeida (de Penafiel) — 81,
84, 88
António da Cruz — 47, 48 51
António Ferreira — 47, 49
António Francisco da Costa — 65
António José de Almeida — 114
António Luís — 45
António Maria Barbosa — 102
Aquiles — 111
Assís Vaz — 96, 98
Augusto de Castro — 55, 76
Augusto Monjardino — 100
Augusto Nobre — 101
Augusto Rocha — 105
Avicena — 15, 21, 27
Azevedo Maia — 92, 95
Azevedo Neves — 100

B

- Básflío Freire — 105
Bento de Melo — 84
Bernardino António Gomes — 80, 81, 82,
83, 88, 113
Bernardino António Gomes, filho — 101, 102
Bernardo Joaquim Pinto — 92, 95

- Bernardo Mirabeau — 7
Bichat — 77
Bissaia Barreto — 104
Bocage — 101
Boerhaave — 59, 65, 73, 77
Bormânico — 12
Brás Luís de Abreu — 70
Bravo Chamiço — 49
Brotero — 82, 105
Broussais — 77
Brown — 77
Bruno A. Nobre — 98

C

- Câmara Pestana — 99, 102, 103
Câmara Sínval — 95
Camilo Castelo Branco — 61, 64, 70, 93, 96
Camões — 28, 40, 47, 109, 110
Campos Navarro — 79
Carlos França — 36, 60, 99
Carlos Lopes — 7, 96
Carlos Pinheiro — 105
Carlos Ribeiro — 101
Carlos II, de Inglaterra — 49
Castaldi — 47
Castellani — 25
Cattio Januário — 13
Celestino da Costa — 100, 106, 113
Chalmers — 25
Chiron — 111
Choffat — 101
Circe — 111
Cid — 17
Claude Bernard — 109
Clúsio — 40
Conde da Barca — 62

- Conde de Ficalho — 7, 40
Conde de Redondo — 40
Constâncio Mascarenhas — 108
Costa Alemão — 104
Costa Pegado — 108
Costa Sacadura — 100
Costa Santos — 7, 43
Costa Simões — 7, 103, 104
Cristóvão Colombo — 35, 61, 110
Cristóvão da Costa — 40
Cunha Pessoa — 84
Cuellar — 44, 45
Cullen — 77
Curie — 109
Curry Cabral — 102
Curvo Semedo — 52
Custódio Cabeça — 102

D

- D. Afonso Henriques — 17, 23
D. Afonso II — 22
D. Afonso III — 20
D. Afonso VI — 49, 53
D. Afonso VI, de Castela — 22
D. Caitano de Santo António — 69
D. Catarina, de Inglaterra — 49
D. Dinís — 19, 21, 113
D. Duarte — 29
D. Filipa de Lencastre — 34
D. Francisco de Almeida — 31
D. João I — 24
D. João II — 30, 33, 113
D. João III — 18, 37, 38, 40, 44, 45, 46,
48, 55, 113
D. João IV — 52
D. João V — 38, 55, 73, 113

- D. João VI — 38, 76, 91, 92, 99 113
D. José — 38, 55
D. Lopo de Almeida — 30, 32
D. Manuel I — 23, 27, 30, 113
D. Maria I — 18, 38, 55, 76, 79, 87, 113
D. Maria Wanzeller — 87
D. Mendo Dias — 18
D. Paterno — 18
D. Sancho I — 18, 19, 21
Daniel da Fonseca — 68
Daniel de Matos — 7, 105
Dante — 20
Dias de Almeida — 96
Dias de Ysla — 36, 43, 46, 48, 49, 110
Dias Pimenta — 64
Diderot — 60
Dionísio — 45
Dioscórides — 21, 41
Doutor Mirandela — V. Fonseca Henriques
Duque de Lafões — 87

E

- Eduardo Pimenta — 92, 95
Egas Moniz — 96, 106, 113
Enrico Franco — 100
Esculápio — 13
Estácio da Veiga — 13
Estêvão Rodrigues de Castro — 51
Estrabão — 11

F

- Feliciano de Almeida — 57
Fernão Lopes — 34
Fernando Magano — 58
Fernando S. Correia — 31, 33, 104

- Ferreira da Silva — 97
Ferreira Rosa — 51
Filipe Montalto — 51
Filipe Simões — 105
Fonseca Henriques — 58, 64, 68, 70
Fr. Cristóvão dos Reis — 83, 84
Fr. Gil de Santarém — 19, 20
Fr. Manuel de Azevedo — 51
Fr. Miguel de Contreras — 30
Francisco A. Barral — 102
Francisco Franco — 46, 85
Francisco Gentil — 100
Francisco J. de Almeida — 85
Francisco Sanches — 48, 53, 54, 112
Francisco Solano Constâncio — 88, 102
Francisco Tavares — 82, 84
Froilano de Melo — 97, 106, 107, 113
Furtado Galvão — 96

G

- G. Cordeiro Ramos — 94
Galeno — 14, 19, 21, 27, 44, 46, 51, 56
Galvani — 109
Gama Pinto — 101
Garcia de Orta — 25, 28, 35, 39, 40, 42, 43,
46, 48, 51, 64, 109, 111, 112, 115
Garcia de Salzedo — 46
Garcia Lopes — 45
Garrett — 19
Geraldino Brites — 103, 113
Germano Correia — 97, 108
Gil Vicente — 28, 115
Giraldes — 105, 106
Gomes de Lima Bezerra — 58, 71, 81, 87, 88
Gomes Ferreira — 65
Gomes Lourenço — 57

- Gonçalo Sampaio — 101
Gouveias — 37
Gramaxo — 45
Grisley — 52
Guevara — 38, 47, 48, 55, 91
Guy de Chauliac — 48

H

- Harvey — 56, 109
Henrique Jorge Henriques — 44, 45, 50
Henrique de Vilhena — 100, 103
Herculano — 37, 38
Hernâni Monteiro — 91, 92, 95, 99
Hipócrates — 44, 45

I

- Infante D. Henrique — 25, 39, 112, 114

J

- J. A. Pires de Lima — 8, 17, 22, 24, 25, 27,
29, 34, 37, 39, 49, 53, 55, 57, 60, 64,
69, 70, 76, 78, 84, 92, 93, 95, 96,
97, 105.
J. Lopes Dias — 42
J. Pinto de Azevedo — 81
Jacob de Castro Sarmiento — 66, 67, 69
Jacob Rodrigues Pereira — 106
Jenner — 86
Jerónimo de Miranda — 44
Jerónimo J. de Figueiredo — 83
João XXI — V. Pedro Hispano
João Baptista da Silva — 67
João Cardoso de Miranda — 65
João de Meira — 7, 96

- João da Silva Oliveira — 98
João Franco — 93, 100, 114
João Pôrto — 105
Joaquim J. de Santa Ana — 80
Joaquim Xavier da Silva — 85
Jorge de S. Paulo — 33
José António Marques — 102
José Bento Lopes — 81, 86
José Feliciano de Castilho — 86, 88
José Ferreira — 57
José M. Bontempo — 81
José M. Chaves — 83, 88
José Maria de Oliveira — 97
José P. de Freitas Soares — 85, 86
José Ribeiro de Abreu — 65
Júlio de Matos — 94, 96
Júlio Dinís — 93, 95, 98
Júlio Franchini — 92
Júlio Henriques — 101, 105
Júpiter — 13

K

- Kant — 20

L

- Leite de Vasconcelos — 7, 11, 12, 97, 113
Lima Leitão — 102
Lopes Correia — 57
Lopes Martins — 96
Lopes Pereira — 51
Lopes Vieira — 105
Lourenço da Cruz — 102
Lourenço Pereira da Rocha — 58
Lúcio de Azevedo — 27
Luís Cichi — 75

- Luís de Pina — 15, 36, 54, 60, 99
Luís XIII, Rei da França — 51
Luís XV, Rei da França — 67
Luís Viegas — 96

M

- Macedo Pinto — 96
Madeira Arrais — 48, 49, 53, 58
Magalhães Basto — 31
Magalhães Coutinho — 102
Magalhães Lemos — 94, 96
Maia Mendes — 95
Malgaigne — 29
Manuel Bento de Sousa — 99, 102
Manuel Brudo — 45
Manuel Carlos Teixeira — 102
Manuel Constâncio — 39, 55, 56, 76, 77, 79,
89, 91, 102, 113
Manuel J. Henriques de Paiva — 79, 81, 85, 88
Manuel José Leitão — 88
Mark Athias — 100, 113
Marques Correia — 57
Marquês de Pombal — 8, 38, 54, 61, 67, 73,
74, 75, 77, 111, 114
Marte — 110
Maximiano Lemos — 5, 7, 17, 22, 29, 30,
34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 50, 54, 59,
62, 64, 66, 69, 70, 71, 73, 77, 79, 86,
88, 91, 95, 96, 99
Maximino Correia — 79, 105
May Figueira — 103
Medeia — 111
Melo Breyner — 101
Melo Ferrari — 105
Melo Franco — 85
Mendes Correia — 97

- Miguel Bombarda — 101, 103
Moniz Barreto — 86
Monravá e Roca — 57, 64, 71
Montaigne — 37
Morais Caldas — 95
Morato Roma — 51
Moreira Teixeira — 65

N

- Navarro de Andrade — 79, 104
Neptuno — 110
Nery Delgado — 101
Newton — 45
Nicolau Bettencourt — 99
Nicolau IV — 19
Nun'Alvares — 28
Nunes Gago — 84

O

- Oliveira Feijão — 102
Oliveira Mendes — 81
Oliveira Rolão — 86
Oskar Vogt — 97

P

- Pacheco de Figueiredo — 108
Padre Faria — 106
Padre João de Loureiro — 82, 106
Paracelso — 109
Paré — 76, 109
Passos Manuel — 93, 114
Pasteur — 92, 109
Paulino de Oliveira — 101, 105
Pedro Dias — 7, 42, 96

- Pedro Hispano — 20
Pedro Nunes — 47, 53, 112, 114, 115
Pereira Reis — 95
Picanço — 78, 104
Pina e Proença — 70
Pina Manique — 87
Pinheiro Morão — 51
Plácido da Costa — 95, 98, 103

R

- Rainha D. Amélia — 99
Rainha D. Leonor — 30, 31, 33
Rainha Santa Isabel — 21
Raúl Bensaúde — 106
Rebêlo de Carvalho — 84
Rebêlo Saldanha — 70
(Reccar) edus medicus — 14
Rei de Melinde — 61
Reinaldo Santos — 106
Reinoso — 44
Reis Tavares — 51
Ribeiro Sanches — 28, 59, 60, 61, 62, 63,
65, 66, 69, 73, 79, 84, 113
Ricardo Jorge — 7, 42, 52, 60, 96, 98, 100,
101, 103, 106, 113
Roberto Frias — 95
Rocha Brito — 48, 54
Rocha Mazarem — 102
Rodrigo de Castro — 28, 42, 43, 44, 46, 112
Rodrigues da Silveira — 83
Rodrigues da Veiga — 45
Rodrigues Moacho — 107
Roentgen — 109

S

- S. Francisco Xavier — 37
S. João de Deus — 36
S. Martinho de Dume — 14
S. Roque — 24
S. Rosendo — 17
Sabino Coelho — 102
Saccheti Barbosa — 65, 66
Salazar — 114
Sá Matos — 7, 81, 88
Santa Mafalda — 23
Santa Maria de Roca — Amador — 22
Santo Agostinho — 15
Santo Antão — 22
Santos Cruz — 86, 102
Santos de Tórres — 57
Santucci — 39, 55, 91
Seixas Brandão — 84
Serrano — 7, 39, 56, 99, 113
Serveto — 56
Sidónio Pais — 114
Silva Amado — 100, 101
Silva Carvalho — 22, 33, 40, 54, 67, 68,
86, 89
Silva Leitão — 70
Silva e Azevedo — 70
Sílvio Rebêlo — 100, 113
Simão Félix da Cunha — 65
Simões Raposo — 100
Sisnando — 17
Soares de Barros — 83
Soares Feio — 51
Soares Franco — 78, 104
Sobral Cid — 101
Sousa Júnior — 96, 98, 102
Sousa Martins — 101, 102, 113

- Sousa Oliveira — 92
Sousa Refoios — 105
Sousa Viterbo — 7

T

- Teodoro F. de Aguiar — 91
Tiago de Almeida — 95
Tomás Álvares — 46
Tomás de Carvalho — 99
Tomás Pires — 40
Tomás Rodrigues da Veiga — 45, 51
Trajano — 13, 109

V

- Valesco de Taranta — 28, 29, 112
Vandelli — 82, 105
Van Swieten — 59
Vasco da Gama — 28, 39, 61
Verney — 61, 74
Vesálio — 47, 109
Vespasiano — 12, 109
Vicente José de Carvalho — 92, 95, 102
Vieira de Carvalho — 81
Vieira de Meireles — 7, 34, 71, 105
Virgílio Machado — 7, 80, 100
Viriato — 17
Volfango da Silva — 108

X

- Xavier Coutinho — 101

Z

- Zacuto Lusitano — 7, 28, 48, 50, 52, 112
Zeferino Falcão — 101



ÍNDICE GERAL

	PÁGS.
Dedicatória	5
Prefácio	7
Cap. I — Antes da Fundação do Reino de Portugal	11
Cap. II — Até à Fundação da Universidade	17
Cap. III — Até à Criação do Hospital de Todos-os-Santos	25
Cap. IV — Até à Reforma de 1772	35
Cap. V — Até à Fundação das Régias Escolas de Cirurgia	73
Cap. VI — Depois da Fundação das Régias Escolas	91
Cap. VII — Conclusão	109
Índice onomástico	117

CONCLUÍDA A IMPRESSÃO DÊSTE LIVRO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA COMPA-
NHIA ED. DO MINHO — BARCELOS —
EM 30 DE DEZEMBRO DE 1943.

NO PRELO:

Doces portugueses, por Maria do Minho.

A SEGUIR:

S. João na alma do povo, por Fernando de Castro Pires de Lima.

Rumos da arte portuguesa, por Fernando Pamplona.

Escola nova, por José Maria Gaspar

Antecedentes dos Descobrimentos, por António Álvaro Dória.

Conimbriga (uma cidade luso-romana), por Vergílio Correia, professor da Universidade de Coimbra e Director do Museu Machado de Castro.

Breve história da moeda portuguesa, por Damião Peres, professor da Universidade de Coimbra.

Panorama da História de Portugal, por António Cruz, director do Gabinete de História da Cidade do Pôrto.

Etc.

